

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1^a DE MARÇO, 28.
 OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Constantinopla, pousada num dos mais bellos sitios do planeta, esse Bosphoro tão gabado pelos poetas, pelos *touristes*; Constantinopla, a cidade dos minarêtes esguios, dos monumentos de uma arte pittoresca, dos harens mysteriosos, donde emana a capitosa essencia das houris do Propheta; a metropole dos cães famintos e do lixo, mantem o *record* da porcaria: é uma cidade que se não lava, nem se irriga. O Rio de Janeiro tem a lamentavel honra de rivalisar com a porcaria bysantina, olvidando esse luxo das lavagens que, na opinião de certos epicuristas do estrume, enfraquecem o organismo, provocam resfriamentos e outros accidentes contra a saúde, confirmando o velho adagio: não se morre de sujo.

Houve generosas tentativas no caridoso intuito de lavar a cidade; mas, como a agua dos sete rios, captadas em varios tanques, elevados á pomposa categoria de reservatorios, não fôsse sufficiente para matar á sede dos cariôcas, para lhes lavar as casas e os corpos, para as suas cosinhas e as suas industrias, para suffocar os incendios, regularmente pavorosos e jámais debellados; como fôsse classicamente escasso o precioso liquido, aquellas tentativas fôram mallogradas e a cidade teve de se resignar ao triste fado de cidade immersa em nuvens de pó asphyxiante.

Em vão, clamam os especialistas que essa poeira letal condúz nas suas molleculas imperceptiveis os germens de molestias devastadoras: ella é o vehiculo da tuberculose, esse minotauro microscopico exigindo um monstruoso tributo de vidas, corrompendo os mananciaes da nossa raça, minando as nossas energias e nos condemnando a um desgraçado porvir de tysicos. Os clamores da sciencia se quebram, sem echo, nas muralhas da incapacidade

administrativa, protegidas por umas tantas idéas conservadoras do bolôr da indiferença, dos preconceitos e do macio, do avelludado musgo da ignorancia.

Houve tempo em que, ás horas caniculares, rodavam pelas praças umas carrocinhas ridiculas que andavam a zig-zaguear acima e abaixo, despejando em esguichos de regador alguma agua, avidamente absorvida pelo sólo poeirento, formando apenas uma crôsta de lama em poucos minutos evaporada.

Essa razão d'agua cessou por insufficiente. Apareceu coisa melhor, um projecto de electrizar a agua salgada para tornal-a formidavelmente microbicida e, na fé desse portentoso melhoramento, emprehendeu-se com muita animação a execução do caridoso projecto de irrigar a cidade.

Para o mecanismo de electrização do salso elemento, se construiu um bello edificio que nos custou a ninharia de duzentos e cincoenta contos de réis; mas, não sabemos porque, a fabrica de agua jámais chegou a funcionar ou funcionou de modo tão imperfeito que o projecto foi abandonado: ficamos com a poeira e um bello edificio alli para os lados da rua Fresca, o mesmo que está, agóra, submettido ao dente implacavel das picaretas demolidoras, porque atrapalhava as construcções exigidas pelo novo mercado.

E foi mantido o imperio da poeira, confirmando o proloquio: não se morre de sujo.

* *

Aos mais perspicazes como aos mais broncos, áquelles que se contentam e vivem felizes sem fadigas cerebraes depauperantes, com uma pequena dóze de instinctos desenvolvidos *quantum satis* para os distinguirem dos animaes; a esses bemaventurados e aos mais ladinos pareceria serem innocuas as aguas da bahia de

Guanabara para irrigar a cidade, mas não concordaram com isso os hygienistas, entre os quaes figuram medicos, que receitam aos seus clientes banhos tonificantes nessa bahia infecta, nessas praias onde se despejam as immundicies mais perniciosas á saúde, como as da praia de Santa Luzia, fóco dos exgotos da Santa Casa de Misericordia.

Nós já dissemos, em outra secção desta revista, que se essa agua, saturada de dejectos da sujidade cariôca, inclusive os de hospitaes independentes dos meios imperfeitos de saneamento empregados pela City Improvements, serve para o banho dos adoraveis corpos das nossas leitoras, para lhes tonificar os nervos excessivamente vibrateis, para lhes exercitar os musculos no *sport* da natação, é concludente que deve servir para apagar a poeira das nossas ruas, muito embóra as lubrifique com uma ligeira camada de sal, um antiseptico de primeira ordem.

Dado que o não fôsse, os seus effeitos nocivos seriam, em todo o caso, preferiveis aos dessa nuvem de pó, formando sobre a cidade uma densa atmosphaera asphyxiadora, conduzindo ás nossas pobres entranhas microbios devastadores, penetrando as nossas casas, annullando todos os beneficos effeitos das providenciaes seringações da hygiene official.

Para que serve sanear casas, libertal-as dos mosquitos, dos anopheles, dos culex e outros infinitamente pequenos e ferózes inimigos da humanidade, se ellas vivem immersas, dia e noite, nesse pó terrivel, assassino que se diria feito de molleculas da propria morte triturada?

Devastam-se com piedoso zelo os portadores da febre amarella, da malaria, da peste bubonica, mas são respeitados os vehiculos da tuberculose, da grippe, da variola, mantendo um inexpugnavel elemento de contagio a invadir tudo — as choupanas dos pobres e as casas dos ricos, este nosso humilde gabinete de trabalho e o pa-

lacio do Cattete, onde a poeira macúla irreverente os tectos doirados, os moveis artisticos, os instrumentos de conforto do chefe da Nação e o proprio ambiente do quarto onde s. ex., nos rapidos instantes de interrupção do assédio cruel da politicagem, repousa meditando nos transcendentales problemas do governo.

Esse pó é irritante, é inimigo da saúde, do bem estar physico e moral, é adversario implacavel da esthetica e atrapalha, como um trambolho impalpavel, toda a nossa actividade.

Elle produz irritações e atrophias. A elle se deve attribuir a lentidão da marcha de certos negocios urgentes, como a reorganisação do Banco da Republica, o pagamento dos credores da Sorocabaua, a venda do Novo Lloyd; elle é culpado da falta de *quorum* na Camara dos deputados, como dos cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima, essa catapulta infatigavel a malhar em ferro frio no ambiente de representantes da Nação, acocorados na moita das conveniencias, a prescrutarem as perspectivas da politica, perdidas nos turvos horisontes das futuras eleições, irisados de esperanças ou toldados de decepções.

E tão respeitavel, tão temivel é esse abominavel pó, que o prefeito não ouzou ainda defrontal-o com a rapidez de acção, com o desembaraço febril e a sua desabusada intrepidez de d. Quixote da restauração desta velha casquilha, desta cidade de beccos e pardieiros.

* *

A indifferença ante essa poeira, aggravada pela obra das demolições, chega a persuadir-nos de que os nossos homens de administração desdenham os meios faceis e baratos.

Si apparecesse uma empreza propondo-se a nos preservar dessa nuvem de poeira, empregando meios engenhosos, demandando apparatus complicados, consumindo enorme capital e exigindo fortes subvenções, uma empreza que offerecesse aquillo que se chama, em guria administrativa, margem para alto negocio, conseguiria attraír, immediatamente, as vistas sollicitas do governo, cujo olhar se habituou a ver as coisas pelos prismas toldados de difficuldades, ou pelos oculos de augmento ás proporções do impossivel.

Irrigar a cidade com agua do mar! E' evidentemente absurdo, ridiculo, empregar esse elemento de limpeza, que Deus dá de graça em profusão inexgotavel, e custaria, apenas, o estabelecimento de algumas bombas possantes, distribuidas pelo littoral, apparatus muito menos dispendiosos que os empregados nas anteriores tentativas ephemerias, como essa de electrisação, installados no pomposo edificio demolido por incompativel com as obras do novo mercado.

Parece haver proposito em manter o nosso *record* de cidade suja. E tanto essa supposição é fundada, que os indifferentes á irrigação, se mostram muito preocupados em não privar, com a nova avenida maritima, os ingenuos cariócas de se emporcalharem nos banhos de mar.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DE ASSUMPÇÃO A PERIBEBUY

Quando o exercito entrou em Assumpção, achou-a abandonada e deserta.

Pouco a pouco, porém, appareciam mulheres já idosas, como que explorando. A principio, vinham receiosas; mas, depois, o medo deu o logar á confiança.

De vez em quando, entrava uma pela casa de um official e pedia humildemente para levantar um tijollo ou cavar um buraco—e tirava uma panella com onças e patações.

Depois disto, quantos tijollos os novos moradores levantaram e quantos buracos abriram, sem resultado! Um amigo meu, que morreu general, viu, quando o camarada lavava uma sala, a agua sumir-se por um orificio do pavimento ladrilhado; mandou cavar fundo e descobriu uma panella de formigas.

Mais tarde, fôram chegando familias, constituídas exclusivamente de mulheres e creanças, que se tinham refugiado nos povoados proximos. A cidade ía perdendo o aspecto demasiado severo de praça de guerra. Nas ruas e largos, viam-se grupos de mulheres sentadas em pequenos tamborettes, vendendo em taboleiros de pau *chipas* e fructas, rendas, em que são eximias, e o afamado *inhanduty*, que dizem ser hoje o tecido mais de moda em Pariz. Todas, sem excepção, andavam descalças. Distinguiam-se pelo ar chibante as *quiguaverás*, com os enormes *trepamoleques* inclinados para uma das orelhas, das quaes pendiam

grandes arrecadas de ouro lavrado. Tinham os cabellos muito lisos e lustrosos de banha. Algumas com os *membys* ajoelhados no chão e as cabezinhas descançando sobre os joelhos, catavam-lhes os cabellos, povoados quasi sempre de *quys*, que passavam rapidos dos dedos dextros, já rôtos no dente, para os estomagos demasiado tolerantes. Si um *gringo* de realejo e macaquinho ás costas parava e moía alguma *habanera*, todo aquelle mulhério se levantava e punha-se a dansar. Si era a *Palomita*... que delirio!

Os cavalleiros eram os nossos soldados, que se revelaram aptos de mais para aquelles exercicios. Assim tivessem o mesmo gosto para os do tiro ao alvo!

Abriram-se armazens de comestiveis, bem sortidos, bilhares, hotéis e *restaurants*, que nos pareciam, então, de muito luxo, e casas de moda. Uma dellas, a do Palhares, era o Colombo da terra. Affluia gente de toda a parte com os olhos arregalados para o nosso minguado soldo. E' opinião muito corrente no exercito que o dinheiro dos soldados rende tanto, que chega para tudo. Quantas vezes, vi, nos dias de *prêt*, os realejos tocarem de manhã a noite, á custa delles!

Para que nada faltasse áquella pobre parodia da opulenta capital da campania, de proverbias delicias, onde até os energicos Samnitas e os duros soldados de Hannibal amolleceram, tivemos uma excellente companhia de comicos, que accendeu as gambiarras do theatro velho de Lopez, onde contavam que muitas vezes elle repetiu as mesmas scenas que Suetonio refere de Caligula nos seus festins.

As principaes figuras da aristocratica *troupe* eram: o Villas-Bôas, o nosso João Caetano; o Valle, que hoje anda pela rua do Ouvidor, de bigode branco, o Vasques; o Ezequiel, o Montenegro e o Colonia, o bom e jovial companheiro, que foi desapiedadamente fuzilado no Paraná. Entre outros dramas, levaram, com grande successo, os *Intimos*, de Sardou, em que o papel de Dejenais foi desempenhado pelo Villas-Bôas, chamado muitas vezes á scena. Havia, entretanto, grande difficuldade pela falta absoluta de mulheres. Os papeis eram feitos por officiaes moços, que manejavam o leque como se fôsse a espada e tinham uma voz detestavel de gallo novo ou tabóca rachada. Por isso, foi muito applaudida a representação do *Ghigi*, em que só entram homens, e o Villas-Bôas fez de Antonio Ferragio, e o pobre Colonia foi o pintor de lingua mutilada. Foi um theatro que nunca deixou de ter enchentes.

Havia outros divertimentos. Entre todos, notavam-se como os de maior predilecção os salões de baile, a boliviano por entrada. Eram todos *garitos*,

onde as libras e as onças, brilhando sobre o panuo verde, davam ás numerosas bancas um tom muito nacional. Nunca fui attraído pelo desejo de augmentar o meu soldo á custa dos camaradas.

Entre todos os gariteiros, o mais *fashionable* era o Franklim, sempre amavel e risonho. Foi em sua casa, que se desafiaram o Arthur Oscar e um capitão argentino, batendo-se na mesma hora do lado de fóra, á luz de um lampeão. O Arthur foi ferido na mão e o capitão no rosto.

Depois do duello, o Valerio, testemunha do Arthur, disse ao padrinho do adversario:

— Agóra nós, amigo.

E ficou nisto porque se apertavam as mãos, como fiéis e bons aliados.

Dois dos nossos companheiros, o Pedro Barbosa e o *Manecão*, filhos do nosso coronel supplicado pelo Dictador, possuíam um bella casa, de estylo hespanhol, com um grande pateo interior rodeado de columnas, e que se tornava um agradável céntrico de bôa palestra.

Alli, assisti a um banquete, que a officialidade déra em honra ao nosso eminente plenipotenciario, o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, que passou para a immortalidade com o titulo de visconde do Rio Branco.

A essa festa, assistiu, si me não falla a memoria, um velho senador do Imperio, que retribuiu a nossa gentileza com uma tremenda verrina, da tribuna da Camara Alta, contra nós.

Não sei si se verificava no illustre parlamentar o principio estabelecido, ha um seculo, pelo general Von der Decken, que o *interesse pessoal do paizano é a medida pela qual elle avalia a importancia do militar*.

Nessa festa, modesta pelos recursos de que dispnuhamos, mas sincera e altamente significativa, que os officiaes deram ao illustre homem de Estado, que alli figurava não só como o mais alto representante da nossa Patria, mas tambem como o mestre egregio da escola superior onde nós aprendiamos a sciencia e que, como nós, já tinha vestido o uniforme honroso de official do exercito, onvi com verdadeira surpresa alguns discursos, felizmente poucos, em que se manifestou a opinião de não proseguir a guerra, que não passaria de uma *ingloria campanha de montoneras*.

Outros contestaram, affirmando que a hydra paraguaya não estava com todas as cabeças decepadas, e preparava-se na cordilheira para novos bofes.

Eu, confesso, naquella epocha estava tão affeito aos nobres habitos da disciplina e da obediencia, com os quaes me sentia honrado e orgulhoso, que jámais pensei nessas questões. Dos meus camaradas, que tomaram a

palavra, havia alguns muito intelligentes, que escreviam correspondencias para os jornaes da Côrte e viviam muito enfronhados na politica.

O grande homem ouvia, impassivel e erecto, aquelles discursos vehementes e vibrantes de eloquencia, alguns correctos, outros, bem poucos, fóra das bôas normas disciplinares.

No seu olhar limpido, difficilmente olhos perspicazes poderiam vislumbrar um traço de ironia. Que juizo fazia elle daquelles *Quirites* cheios de pretensão?

O seu discurso de agradecimento foi um primor de calma, de bom senso e patriotismo.

Produziu nos poucos cerebros, onde fermentavam idéas de decomposição, a mais salutar influencia.

Depois do banquete, houve um *grande* baile em que o Amphrisio attingiu a méta dos escandalos choreographicos, que aprenderen, quando estudante em Pariz, nos salões do Mabilie.

Com a chegada do conde d'Eu, o exercito como que despertou da lethargia, em que o deixaram a retirada do marquez de Caxias e a falta dos seus grandes chefes: Osorio, Argollo, Andrade Neves, Fernando Machado e outros.

A nossa vanguarda não era mais commandada pelo glorioso adail das nossas victorias, o *Redivivo*.

Acampava, então, adeante do povoado de *Luque*, nas margens do arroio *Juquery*, onde havia uma ponte em curva, que o batalhão de engenheiros habil e rapidamente restaurou. Por ella passava a liuha ferrea de Assumpção a Villa Rica. Um dia, approximou-se um trem paraguayo com um canhão montado num carro, e atirou sobre as nossas avançadas.

Fazia parte das cavallarias da vanguarda o capitão Manoel Rodrigues de Macedo, o Folião, que jurou *enlaçar com o seu branco o canudo do vapor*. Quando voltou de novo o trem, elle saíu, a disparada, para cumprir o juramento, mas não pôde, porque a locomotiva desapareceu. O Folião era um dos ajudantes de Andrade Neves, e nas guerrilhas laçava os atiradores paraguayos e arrastava-os ao galope do *branco*. Nunca conseguiu, entretanto, *molhar* a lança antes do general.

Já era maduro naquella epocha, e no anno passado vi uma photographia delle passando um rio do Estado Oriental, como commandante de um corpo de Apparicio Saraiva. Estava ainda forte e bem *plantado* no seu *pingo*. Mestiço de europen, indio e africano, o atavismo deu-lhe os requintes da bravura feróz dos seus antepassados.

Contam que quando chegou o principe, o *Folião*, que se lembrava ainda das historias que as velhas lhe contavam no rancho onde nasceu, montou a cavallo para fazer-lhe uma visita.

Quando lhe appareceu, não quiz acreditar que fôsse elle, e saíu desilludido, murmurando:

— Pensei que fôsse outra coisa, mas é um homem como outro qualquer.

Quando voltei da expedição a São Pedro, o exercito já tinha abalado para o interior, e o joven general em chefe tinha o seu quartel general em Pirayú, pequeno povoado proximo á serra de Ascurra, forte posição onde o Dictador nos esperava com o seu exercito que conseguiu reunir dos restos do heroico povo.

Demorei-me poucos dias em Assumpção, onde tomei o trem e fui desembarcar no mesmo dia naquelle povoado, onde se achava o meu batalhão.

Estavamos no meiado de junho.

O principe, reconhecendo a grande difficuldade que nos oppunha a serra de Ascurra, resolveu contornal-a por um movimento de flanco. Nos fins de julho, marchámos. Em Sapucaia, encontrámos a estrada obstruida por uma trincheira do inimigo, que quiz deter-nos o passo.

Abrimos uma picada na matta e flanqueámo-la. Os paraguayos abandonaram-na.

Penetrámos, depois de alguns dias de marcha, que não foi muito penosa, porque o frio do inverno nos era favoravel, na região aprazivel das Cordilheiras pela picada de Valensuela.

No dia 11 de agosto de 1869, chegámos á vista do povo de Peribebuy.

No dia seguinte, subiriamos ao assalto das suas fortificações.

A' noite, palestrámos até tarde fazendo conjecturas sobre o dia seguinte.

Todos nós eramos velhos soldados fatalistas e dormimos um somno profundo, que só foi despertado na madrugada seguinte, quando entrámos em fórmã para o alarme.

A cidade paraguaya estava circumvallada por uma extensa linha fortificada, que se estendia, irregular e mal traçada, pelas encostas de declividade suave. Correndo no fundo do valle, serpenteava o arroio Peribebuy, cujas aguas limpidas banhavam as faldas da casaria. Nós dominavamos completamente a posição inimiga. Todo o exercito do principe cercou-a ao romper do Sol. O batalhão de engenheiros devia avançar com pranchas e escadas para facilitar o assalto.

A nossa esquerda, cavalgando garboso um bello cavallo de raça, viamos o joven coronel argentino Luiz Maria Campos, um dos mais bravos officiaes do exercito alliado. Commandava uma brigada de infantaria. A brigada brazileira proxima ao meu batalhão, era commandada pelo coronel Wanderley Lins. O conde d'Eu dirigia a acção do nosso lado, ao alcance de fuzil.

Depois que a artilharia rompeu o fogo sobre a praça inimiga e bombardeou-a, as cornetas deram o signal de

avançar. Ouvi, então, o meu illustre amigo Luiz Maria Campos voltar-se para a sua tropa valente e luzida, dar a voz de commando, firme e rápida, e terminal-a com estas palavras: «Viva la patria querida». E partiu, arremessando-se na frente dos seus compatriotas com tanto impeto, que nós, para não ficarmos atrás na investida, tocámos a marche-marche até á contraescarpa do fôssô. Aquillo foi rapido. Os paraguayos se defendiam bravamente, mas o seu armamento não os auxiliava muito. Chovia da trincheira sobre nós projectis de todo o genero. O meu distincto camarada e amigo José Thomaz Carneiro da Cunha ficou com a cara quebrada por um tijollo, que o atirou de pernas para o ar.

O tenente Fausto de Lima, ajudante de ordens do principe, um temerario, ficou sem um pedaço da orelha, arrancado por um fundo de garrafa. De frente de mim e do João Felicio dos Santos, havia um velho, que cada vez que levantava a cabeça acima do parapeto e disparava o fuzil, levava-nos um camarada. Que boa pontaria e que calma daquelle homem!

Foi alvejado com cuidado e sumiu-se para sempre o terrivel atirador.

No fundo do fôssô, estava um joven alferes, nosso camarada, que brandindo a carabina de um soldado que rolára da contraescarpa ferido pelo velho terrivel, esforçava-se por chamar, do *angulo morto* onde se abrigára, a attenção sobre si, principalmente de algum chefe que chegava e a quem victoriava com o maior enthusiasmo.

Quando se approximaram os sapedores com as pranchas, o coronel Wanderley mandou lançar uma ao seu lado. Era uma taboa grossa, mas bastante estreita. O velho coronel subiu por ella de espada desembainhada e quando chegou á crista do parapeto, o seu nobre perfil, projectado no espaço enfumaçado, tinha proporções gigantescas. Relanceou o olhar para dentro do recinto e fez signal ao corneta de ordens para tocar *carga*. Em poucos instantes, as nossas forças estavam no terrapleno e investiam, aos bandos, contra os paraguayos, que se retiravam em debandada, mas alguns ainda pelejando. Fez-me frente, com uma lança, um rapaziinho, que parecia forte; aparei o golpe, respondi e passei adeante. Logo depois, um soldadinho paraguayo, que não podia ter mais de doze annos, corria, todo ensanguentado, para o meu lado, acossado por um soldado nosso que o perseguia e já o ia alcançando quando elle se abraçou commigo, implorando que o salvasse. Mal tive tempo de conter o seu perseguidor. Nesse momento, passava por mim, a trote largo, o meu distincto camarada e amigo capitão Pedra, que gritou:

— Mata.

— Não — dizia eu — E' um prisioneiro, uma pobre creança e hei de defendel-o.

— Queres brigar por um paraguayo?

— Porque não? E' meu dever e farias o mesmo.

Dizia a verdade, porque era um distincto official. Esporeou o cavallo e seguiu a galope.

Conduzi o menino até á guarda dos prisioneiros.

Na praça principal, junto á porta da egreja, estava uma mulher moça e formosa, apesar da pallidez cadaverica, com um filhinho morto ao lado. Ambos tinham sido varados pela mesma bala.

Ao passar por baixo de um laranjal, vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavôr, algumas com os filhos nos braços. Em baixo, soldados as convidavam a descer, e ellas, como o gallo da fabula, desconfiavam das labias das velhas raposas, que aliás não tinham desejos sanguinarios.

Os rapazes do batalhão de engenheiros portaram-se, como sempre, bravamente. Era a primeira vez que entrava com elles em combate, e confesso que o Olympio da Silveira, o Arouca, o Panasco, o Alvaro Pereira e os outros honrariam as fileiras do corpo mais aguerrido, até mesmo do meu velho e glorioso Dezeseis.

Sentia-se que os soldados do Lopez já não tinham mais a resistencia daquelles de 1866, que o fanatismo fez praticarem as mais heroicas façanhas. Já ninguem acreditava na promettida resurreição. O tempo já lhes tinha ensinado a realidade.

O combate durou pouco — talvez menos de uma hora. Toda a guarnição inimiga caiu em nosso poder.

As nossas baixas fôram relativamente pequenas.

Já no fim, porém, quando se ouvia o toque de *cessar fogo*, caiu mortalmente ferido um dos nossos mais brilhantes generaes — o brigadeiro João Manoel Menna Barreto, elegante e bello typo de fidalgo, com a bravura tradicional da sua familia. Foi uma das maiores perdas que soffremos no exercito.

DIONYSIO CERQUEIRA.



A MURALHA (*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

A Arthur Azevedo

TERCEIRO ACTO

SCENA VII

OS MESMOS E ESTELLA

ESTELLA

Os senhores violaram a minha carta... Com que direito?

CAMILLA

Com o direito que tem todo o marido de conhecer os pensamentos de sua mulher.

ESTELLA

Ainda que taes pensamentos vão com endereço a um pae?

CARLOS

Sem duvida.

ESTELLA

E' muito escrupular. E leram? Todos os senhores leram? (*Silencio.*) Alliviaram-me de um trabalho fatigante. Porque a verdade é que, se eu me não achasse com coragem de declarar francamente a minha resolução, poupando-os ao incommodo de rebuscarem injurias inéditas, teria de redigir nova carta despedindo-me e agradecendo a todos o generoso agasalho que me deram.

CARLOS, avançando:

Pretendes sair? tu!

ESTELLA

Sem duvida.

CAMILLA, com calma:

Não te exaltes, Carlos. (*À Estella:*) E a senhora já pensou nas consequencias do passo que váe dar? Não falo por nós, senão por seu proprio interesse. Já ponderou todos os riscos? Não se deixe illudir pelas promessas dos que seduzem. O amor é um pouco de desejo que o primeiro beijo sacia e farta. Onde a senhora julga existir todo um futuro, não ha mais que um ephemero minuto.

ESTELLA

A senhora não admittê a mulher fóra da escravidão do amor? Encerra todo o seu destino nessa apertada palavra. Eu tenho a vista mais larga, alcanço novos horisontes... talvez seja illusão, mas vejo alguma coisa.

CAMILLA

Póde-se saber que é?

ESTELLA

Para que dizer-lhe? A senhora tem a vista cançada, não póde avistar como eu.

CAMILLA

Sonhos? Eu só sonho quando durmo.

ESTELLA

E' porque os seus sonhos receiam a claridade.

CAMILLA

Vê então nuvens d'ouro? e quer sair atrás dellas? Com o commendador? (*Estella encara-a:*) E' que não vejo aqui outro homem em condições de acompanhá-la, e uma senhora não se arrisca a tão ousada aventura sem a companhia de um homem...

ESTELLA

Quando não confia em si.

CARLOS

E' porque sáes? Porque. Que queixas tens tu? dize.

ESTELLA, depois de o mirar:

Para que hei de allegar? Não me queixo senão da minha sorte, talvez da minha educação. Outra tivesse ella sido e eu, longe de soffrer, como soffro, seria uma creatura venturosa, aproveitando a fortuna que se roja a meus pés, gosando os prazeres que se me offerecem, sendo uma mulher mundana, emfim, nadando nesse mar a que, uma vez, a senhora se referiu, cujas ondas, longe

de suffocarem, levantam triumphalmente aquellas que as affrontam levadas pela mão de um banhista seguro. Tenho, porém, uma alma primitiva e simples, cheia de fé, crente na virtude... que hei de fazer?

Sergio levanta-se, visivelmente commovido, e sáe para o terraço.

CARLOS

E voltas para a casa de teus paes? (*Estella encothe os hombros.*) Pois eu te prohibo que arredes pé daqui!

ESTELLA

Prohibe?

CARLOS

Prohibo!

ESTELLA

Com que direito?

CAMILLA

O' filha... com que direito...

ESTELLA

Sim, com que direito?

CARLOS

Com o direito de marido.

ESTELLA

Marido... Mas que entende o senhor por marido? Marido é uma redempção e não um opprobrio. Marido é o libertador e não o carrasco. O senhor foi, para mim, a principio, um amante desejoso: os meus dezoito annos deslumbraram-no. Achou-me a seu gosto, que fez? levou-me ao pretor para o contracto que Deus referendou e, prendendo-me com uma dupla corrente, feita de respeito e de fé, arvorando duas grandezas, a Religião e a Lei, em guardadoras da escrava, deixou-a no lar, como em um carcere, e foi-se. Quando regressava, sempre fatigado, era para ultrajar-me com a indiferença. Virgem d'alma, amei-o como se ama uma só vez, e o meu amor ficou abandonado, perdia-se de encontro ao seu tédio e, se o procurava, com meiguice, era repellido quasi com asco. Um dia, viram na minha mocidade, que resistia a todas as provações como a esperança resiste a todos os desenganos, uma possível fortuna. Lançaram-na. E foi assim que, no logar em que o senhor costumava sentar-se, achei, um dia, outro homem trazido, por quem? não sei. Que queria de mim? Com que direito me falava? porque havia eu de ser carinhosa para o intruso? Pensei que o devia repellir, assim fiz — reprehenderam-me, mas como não me dissessem porque, senão que era preciso que eu o tratasse bem, fiquei hesitando entre os conselhos da minha adolescencia e as lições estranhas que recebi, e preferi seguir as palavras de minha mãe. Foi o meu erro — a lucta começou tremenda, e hontem... Não falemos do que houve. Lembrar é renovar a vergonha. Cercam-me de sentidos; todavia, o que mais deviam zelar é o que mais facilitam. E meu marido...? onde está elle que me não defende?

CARLOS

Defender-te de que?

ESTELLA

De todos, de tudo...

Sergio, chegando á porta do fundo:

Ahi vem Narciso.

Modificam-se as attitudes.

SCENA VIII

OS MESMOS E NARCISO

Narciso apparece no terraço, onde se detem um momento falando a Sergio. Entram.

NARCISO, a Carlos:

O senhor pôde ir á cidade?

CARLOS

Já?

NARCISO

Se pôde...

CARLOS

Pois, não!

Narciso, dando-lhe um rolo de papeis:
Conferir estas notas e dizer ao Paiva que me mande o ultimo relatorio da Companhia Eusaccadora. (*Carlos entra á esquerda.*)

SERGIO, a Narciso:

Estás pallido.

Narciso senta-se aspirando um vidro de saes.

CAMILLA

Está incommodado, senhor commendador?

NARCISO

Um pouco de enxaqueca, minha senhora.

CAMILLA

E' do calor. Está um dia abafadissimo. Volta do tempo.

Estello sáe para o terraço, onde fica olhando para longe, como á espera de alguém. Camilla, entrando á esquerda, encontra-se com Carlos, que vem de chapéo na mão.

CARLOS, baixo a Camilla:

Não a perca de vista.

CAMILLA, mesmo tom, sorrindo:

Porque? receias alguma coisa?

CARLOS

Receio...

CAMILLA, com sobranceira:

Ora! (*Entra á esquerda*)

CARLOS, a Narciso:

E' só?

NARCISO

Só. (*Carlos sáe pelo fundo.*)

SCENA IX

NARCISO, SERGIO E ESTELLA, no terraço.

NARCISO

Quem me contou foi o Servulo, marido de d. Anna. E' homem que não mente.

SERGIO

E não mentiu. Que queres, Narciso? Eu tenho feito tudo a ver se consigo restabelecer a paz. E' impossivel. Conheces minha mulher? é uma creatura auctoritaria, exigente, teimosa...

NARCISO

Bem sei.

SERGIO

Ella é quem incita o filho.

NARCISO

A maltratar a mulher? (*Sergio baixa a cabeça.*) Pois eu lamento dizer-te que não posso consentir que, em minha casa — desculpa-me falar-te assim — se reproduzam taes scenas tão vis e, além disso, injustas. Essa senhora merecia outro homem que a presasse, que fôsse digno do seu amor, do seu coração tão raro. Accusam-na, de que? de ser minha amante. Já o seria se não estivesse forrada de virtude, porque tua mu-

lher e teu filho, durante muito tempo, fizeram o possível para que tal se dêsse e eu, deante da facilidade que nelles encontrei — sou homem, meu amigo — aventurei-me, ousadamente, servindo-me de todos os meios de seducção, e encontrei uma energia inflexível que me fez recuar. Digo-te ainda que cheguei a pensar que essa fria e teimosa resistencia, sempre delicada — entrava nos planos da combinação, estou hoje convencido de que era a propria alma honesta que defendia o corpo despido e offerecido pelos que mais o deviam acautelar. E é essa a mulher que insultam, que injuriam, que maltratam e perseguem. Não!

SERGIO

E que hei de eu fazer?

NARCISO

Mas não és tu o chefe da familia?

SERGIO

O chefe da familia... Sei lá! Sou uma victima, como a pobre moça. Soffro menos, porque, sempre que posso, evito a casa. Criei, para o meu amor, uma familia nas plantas — são ellas que me consolam. Com ellas vivo — dou-lhes o trato, ellas retribuem com o perfume e a sombra. Estella é mais infeliz, não se arreda de casa — é sobre ella que recáem todas as coleras, é nella que minha mulher se vinga de tudo quanto soffre — porque soffre e horripelmente; talvez seja a que mais soffra por não poder apparecer, deslumbrar, impôr-se como dantes. E' uma captiva, carregada de ferros, que insiste em fugir do carcere cravando as unhas nas altas e lisas muralhas de pedra. E' assim.

NARCISO

Mas isso é uma fraqueza contra a qual deves reagir.

SERGIO

Não posso.

NARCISO

Então...

SERGIO

Queres saber? nem tenho coragem de procurar emprego porque sei que não me poderei manter durante muito tempo, e, com ella a exigir, a perseguir-me, a atordoar-me sabendo que lido com dinheiro... Sei lá! serei capaz de tudo... por uma hora de tranquillidade sacrificarei o que me resta de honra. Tenho medo. E' a verdade, meu amigo — tenho medo. Sou como um pobre a quem resta apenas um andrajo com que se cobre: é a minha honestidade, não a quero perder. Uma desgraça! meu velho. Ha mulheres assim: mulheres que avassallam, que dominam, mulheres que pôdem tudo e que magnetisam como as serpentes. Lares... quem os visse na hora do recolhimento, a portas fechadas, com todas as suas misérias... Quantos infernos! (*Silencio.*) E tu achas que Estella...? Pensas que a não lastimo? (*Indo ao terraço; com meiguice:*) Estella, minha filha. (*Estella volta-se.*) Ouve-me. (*Fal-a descer, offerece-lhe uma cadeira. Estella mantem-se de pé.*) Falavamos de ti. Sei que não tens queixas de mim... (*Estella sorri tristemente:*) Não tens, não pôdes ter. Quero pedir-te um favor, sou eu quem t'o pede. (*Estella encara-o.*) Fica. Esquece o que

houve. (*Aceno negativo de Estella.*) Porque?
(*Silencio.*) Porque?

ESTELLA

Porque?... (*Lança um olhar significativo para o lado de Narciso.*)

SERGIO

Pódes falar, é um amigo.

NARCISO

Sim, minha senhora — sou. Talvez duvide e tem razão de o fazer, mas a culpa não é minha — illudiram-me. (*Estella limpa nervosamente os olhos.*) Não chóre...

ESTELLA, *dominando-se; com altivez:*

Chorar... (*Encolhe os hombros.*) Os olhos não vêem o que me váe por dentro — ha uma emoção, elles denunciam-na julgando, talvez, que se trata de qualquer ternura quando, em verdade, o que ha é uma resolução.

NARCISO

Tenha calma. A senhora é forte, mais forte, talvez, do que presume ser. O character é, como todas as manifestações da alma, um mysterio. Ninguem sabe até onde póde levar o amor.

ESTELLA

Nem até onde póde levar o odio.

NARCISO

Que pretende fazer? desculpe-me perguntar.

ESTELLA

Sair...

SERGIO

Estella...

NARCISO

Não saia. Para a mulher só ha uma porta que dá para a liberdade, é a chamada — das dissolutas. Quem assistisse á passagem da multidão das que por ella fogem, veria muitas com fome, muitas seviciadas, muitas tão puras como as martyres dos primeiros tempos, levadas na chusma das depravadas. Innocencias quasi virgens arrepanhando farrapos para esconder o collo, castidades como as das santas, virtudes sem a mais leve jaça, no rebanho ignobil, atravessando o limiar maldito, recebendo, como os galés, o estygma infamante. Quem póde ver na alma do galé, victima dum erro da justiça, o esplendor da innocencia? Quem póde dizer da mulher que se insurge contra o preconceito, que é apenas uma revoltada conservando intacta toda a sua moral lapidada pelo soffrimento? Não saia. Quem a vir atravessar a passagem terrível não dirá que foi buscar salvação, mas que se foi render á torpeza. A muralha é formidavel e lá dentro, minha senhora, lá dentro, para o mundo, só ha perdidas. E' preciso abrir outra porta por onde passem as humilhadas, as soffredoras; essa, porém...

ESTELLA

Ainda não existe.

NARCISO

Ainda não.

ESTELLA

Quer dizer que, para uma infeliz nas minhas condições, ha um recurso — a morte?

NARCISO

Nem esse — deixa sempre suspeitas no espirito dos vivos. Porque se matou? é uma pergunta a que logo a calumnia responde.

ESTELLA

Que hei de fazer então?

NARCISO

O que fazem os condemnados...

ESTELLA, *transfigurada:*

E' isso — saltar o muro dessa moral bastarda, evadir-me. Que importa a guarda dos preconceitos? hei de escarpá-lhe. Lá fóra, soffrerei menos do que soffro aqui dentro. Impura... já o sou para o mundo.

NARCISO

Por minha causa, talvez. Estou muito perto, contamina-a com a minha presença, posto que a senhora me deteste.

ESTELLA

Já o não detesto, como o senhor já me não ama. Lastima-me e eu sou-lhe grata. A gratidão é uma amizade humilde, mas é uma amizade.

O CREADO

apparecendo á porta do fundo, dirigindo-se a Narciso:

O carro que v. ex. encommendou...

NARCISO, *surprehendido:*

Carro!

ESTELLA, *vivamente:*

E' para mim. (*Ao creado:*) Manda esperar. (*Entra á esquerda atta. O creado desapparece.*)

SCENA X

NARCISO E SERGIO

NARCISO

Sergio!

(*Sergio levanta a cabeça; os dois homens fitam-se um momento.*) Então?

SERGIO

Então...! (*Encolhe os hombros.*) E' assim... (*Silencio:*) E' mais um pedaço da honra que se váe.

NARCISO

E' toda a honra, meu amigo.

SERGIO

Tu dizes...?

NARCISO

O que penso dessa transfiguração.

SERGIO

Talvez seja a verdade... Toda a honra... Ella é pura.

NARCISO

E' uma mulher!

SERGIO

Fôssem todas assim... (*Silencio.*) Mas acreditas que ella saia? dize! Para onde? Onde irá ella ficar? Não achas que é um crime deixá-la partir?

NARCISO

E que pretendes fazer? retel-a?... Não se contém decisões como essa.

SERGIO

Não sei... Seria melhor, talvez. Emfim...

SCENA XI

OS MESMOS, CAMILLA; depois ESTELLA

CAMILLA

Entra pela direita, baixa; contempla os homens com um sorriso:

Tão calados...

Os dois homens mantêm-se na mesma attitude taciturna.

Que têm? Até parece que estão velando um defunto.

SERGIO

Quem sabe?

Estella entra pela esquerda atta, de chapéo, com uma pequena bolsa.

CAMILLA

Onde váes?

ESTELLA

Onde deve ir toda a mulher honesta.

CAMILLA, *depois de a mirar:*

Onde váes?

ESTELLA

Para a honestidade. Pensei encontrá-la aqui, enganei-me. Tomo outro rumo.

CAMILLA

Foges?

ESTELLA

Não, a prova é que me despeço. Parto como o passaro que, distraidamente, poussa em um ramo podre, fragil de mais para sustentar um ninho. Abalo, procuro outro ramo, seja o dum espinheiro — viverei entre espinhos. No charco é que não consta que passaros se aninhem. Pedi conselho a todos, todos mostraram-me a mesma parede. Para livrar-me com honra nem Deus, nem o amor de meu pae, nem a Lei, que tudo purifica, nem a morte, que tudo redime, teriam poder bastante. Só ha uma pessoa capaz de valer-me.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA, *com alliva nobreza:*

Eu!

CAMILLA

Partes? (*Aceno affirmativo de Estella*) Para onde?

ESTELLA

Tenho um destino — o trabalho. Qualquer que elle seja, é sempre nobre: glorifica e defende — é uma redempção e um refugio. Quando quizer saber de mim, peça informações á Calumnia. Nos primeiros tempos, ella as dará; hei de, porém, esconder-me tanto no dever que ella, em pouco, me perderá a pista.

CAMILLA

Não consinto que partas!

ESTELLA

A senhora? E quem é a senhora?

CAMILLA

Quem sou? a mãe do teu marido.

ESTELLA

Para reconhecê-la, seria necessario que eu o admittisse, a elle. Meu marido... (*Encaminha-se para o fundo, detem-se e retrocede.*) E' verdade, não quero que me chamem ladra: ia levando commigo alguma coisa que me não pertence — o nome de um homem gravado numa grilheta. Aqui fica. (*Arranca a alliança do dedo e atira-a ao chão, com desprezo.*) Agóra...

CAMILLA, *com intenção perversa:*

Estás inteiramente livre...

ESTELLA

Livre...

CAMILLA

Pódes entregar-te a quem mais dér.

ESTELLA

Será sempre o trabalho — ainda é o que paga melhor. Será o meu amante. Ah! se todas as mulheres pensassem como eu, o casamento seria o que devia ser: a alliança. A Lei, despertada pela revolta, rasgaria a venda que a cega e, contemplando a injustiça,

farla a misericórdia. Mas as mulheres honram-se com os títulos de fracas, é a sua corôa de martyrio, vivem dessa honra como as inertes vivem da esperança na Providencia. Que lhes praza ! Para onde vou ? A minha safda responde por mim. Não váe para a infamia quem della foge. Se fôsse do meu agrado viver na impureza, eu só teria de render graças ao inferno por me haver deparado o que de mais completo existia no genero. Partô para buscar o que aqui não existe — o novo, o puro, o idéal, a virtude. (*Váe até o fundo e volta-se para Camilla, que se agita frenetica.*) Não lhe dou o meu endereço porque a senhora teria escrupulos em procural-o; todavia, para que não insista em dizer que fujo, elle aqui fica : a Honra.

Sáe activamente. Camilla váe ao fundo, olha e desce a correr.

CAMILLA

Sergio ! Sergio ! Ella sáe...

SERGIO

Sáe...

CAMILLA, *alarantada* :

Senhor commendador...

NARCISO

Minha senhora...

CAMILLA

Ella foge ! (*Indo ao terraço* :) Ha um carro ao portão. Sergio ! (*Descendo* :) Sergio ! Ella foge ! váe-se...!

Sergio levanta-se, dá um passo para o fundo, mas retrocede, com um gesto desanimado e deixa-se cair em uma cadeira, succumbido. Camilla volta ao terraço, fica a olhar agoniadamente, debruçando-se á balaustrada.

CAMILLA, *com um grito estrangulado* :

Ah !

Precipila-se em scena e fica um momento aturdida, a olhar altucinadamente, balbuciando palavras inintelligiveis. De repente :

Senhor commendador... Chame-a !

NARCISO, *no terraço*

E' tarde, minha senhora.

CAMILLA, *em voz surda*:

Partiu...

Deixa-se cair em uma cadeira, vencida. Sergio atira mottemente o braço num desanimado gesto de abandono.

PANNO

(*Conclusão.*)

(*) *E' prohibida a reprodução.*

FARIAS BRITO (*)

IX

Aqui estamos, ao cabo desta synalepha de umas quantas edições dos *Annaes*, defrontando exactamente com alguns dos capitulos da *Finalidade do mundo*, a meu ver mais importantes e suggestivos e sobretudo mais característicos do espirito de Farias Brito. Começaremos, como o auctor, por aquillo que se intitula *Philosophia e religião*. Não é por acaso que elle reservou para estas alturas assumpto de tal magni-

tude. A RELIGIÃO, no conceito do philosopho cearense e no meu, comprehendendo os phenomenos mais altos e de suprema transcendentalidade do espirito humano. Um espirito só chega a ser verdadeiramente espirito quando se faz religioso. Não comprehendo uma grande vida sem esta virtude pre-excellente — sem esta luz miraculosa que é para a consciencia o que a consciencia é para o instincto.

O proprio Farias Brito, com a afoiteza do sabio, que não ouve os rumores que lhe estrondam em torno, começa o seu X capitulo com estas palavras: «Eu chego aqui ao ponto culminante de meu livro, quando, tratando de estabelecer as condições características da evolução do pensamento, começo pela philosophia para terminar pela religião. Tambem nessa evolução, pôde-se dizer que a philosophia é o começo e a religião é o fim; nem outra coisa é permitido deduzir quando, tendo-se dito em começo que o fim da philosophia é a moral, agóra se accrescenta que *não ha moral sem religião.*»

Nem concebe o auctor uma sociedade que se não opoie no principio religioso. E tanto que elle julga a situação actual — da Igreja livre no Estado livre — como transitoria, sustentando que a religião *in fieri*, a que os espiritos elaboram e ha de ser fundada, absorverá tudo — governo, legislação, moral.

Apezar disso, apezar da «energia decisiva de uma profunda convicção com que sustenta que a primeira e mais importante de todas as necessidades publicas é a religião» e até «que sem religião não pôde haver estabilidade nem ordem nas sociedades», eu me sinto, não quero dizer em absoluto desaccordo com o auctor, mas ao menos muito inclinado a discutir com elle um ponto que julgo fundamental, e realmente o é porque elle proprio entende que «ha de ser creada uma religião nova, sem o que não poderá ser mantida a civilisação contemporanea que terá fatalmente de dissolver-se e morrer». Vou — é bem claro — com a conclusão; mas a minha sinceridade me obriga a examinar cuidadosamente a premissa em que assenta.

Farias Brito parte da affirmacão, que converte em postulado, de que «todas as religiões actuaes estão mortas» e «são mantidas apenas como uma homenagem ás tradições do passado, mas não têm mais vida na consciencia das multidões, nem força para fazer a paz entre os povos.» Aqui é que infelizmente discordamos. Naturalmente, aqui se trata de religião como culto organizado, como systema de crenças a revelar-se externamente em fórmulas, em ceremonial fixo. E' sob este ponto de vista que o catholi-

cismo parece agonisante. Talvez mesmo se pudesse conceder mais alguma coisa aos negadores: talvez se pudesse afirmar que, não sómente o catholicismo, mas toda a religião christã está se tornando insufficiente até como fundamento de disciplina moral. Basta um rapido golpe de vista sobre as sociedades modernas para ver isso.

Parece, portanto, certo que, si ainda não chegamos, bem cedo havemos de chegar ao dia em que a mais augusta das doutrinas religiosas «não terá mais vida na consciencia das multidões», como disse o philosopho cearense.

Mas—e aqui é que eu desejava estar bem perto do grande espirito de que me occupo — mas esse phenomeno da dissolução do velho culto, da morte do idéal christão, será exacto? Por outros termos: é mesmo o espirito do Evangelho que está morrendo? Por mim— francamente não o creio: creio antes que esse espirito não começou a viver definitivamente. O que presenciemos hoje no mundo não é a morte de todas as religiões: é, sim, o arrefecimento do espirito religioso. Si esta situação de crise, si este accidente na alta vida espiritual da humanidade chegasse a fixar-se, a fazer-se definitivo, ou, mesmo, si se prolongasse por muitos seculos — uma affirmativa poderíamos formular com toda segurança e sem receio algum de que viesse a ser infirmada ou desmentida: culto algum se constituiria, nem esse culto sonhado que, segundo Farias Brito, com outros tantos philosophos notaveis, virá a ser a expressão concreta do futuro «sentimento religioso que é em si mesmo immortal.»

E'ahi—levada a tão flagrante contradicção aquella affirmativa do philosopho — que «sem religião não pôde haver ordem social» — (e a que eu accrescentaria até que — nem pôde haver alta vida espiritual)—ahi, digo, é que temos de escolher. Ou a sociedade e a nossa propria natureza moral pôdem prescindir do sentimento religioso, e as religiões pôdem morrer sem que arrastem consigo as sociedades humanas: ou a religião é inherente á natureza superior do homem e da sociedade, e não poderá morrer sem a morte da sociedade, e do homem.

Por mim, decido-me logo por esta ultima ponta do dilemma: a religião (ou si se prefere—o sentimento religioso) é inherente á nossa natureza moral, é eterno e cada vez mais intenso.

Em vez, porém, de discutir o que se não discute, prefiro entrar na questão levantada por Farias Brito:

— Estarão mortas, mesmo, todas as religiões?

ROCHA POMBO.

(*) O artigo anterior saiu no num. 27 dos *Annaes*, pag. 221.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O microbio da syphilis. — A descoberta de Schaudin e a comunicação do professor Metchnikoff à Academia de medicina de Paris — Nova victoria.

Nesta secção, demos noticia dos estudos emprehendidos pelo sabio professor Metchnikoff, no instituto Pasteur, sobre o microbio da syphilis, injectado numa chipanzê, microbio que o sabio allemão Schaudin pretende ter, recentemente, isolado.

Metchnikoff fez, sobre esse importantissimo assumpto, uma communição á Academia de medicina de Paris, nos termos que passaremos a resumir.

Havia muito que os esforços daquelle sabio se orientavam na pesquisa daquelle microbio. Desde 1837, se verificára, nos serozitos das feridas purulentas de varias naturezas, a presença de pequenos infusorios em fórma de espira ou de sacca-rolhas, aos quaes se dá o nome de *spirillus*, que existem nos syphiliticos, assim como nos doentes de outras molestias, facto que os excluire de concorrerem na etiologia do terrivel flagello.

O caracteristico das recentes pesquisas de Schaudin é a descoberta de existirem duas variedades de *spirillus* — uma vulgar, *spirochete refringens*, encontrada em toda a parte; outro, o *spirillus pallido*, *spirochete pallida*, muito difficil de isolar e de distinguir, sómente encontrado nas feridas syphiliticas

Resta verificar si o microbio de Schaudin é o agente infeccioso, causa da molestia e da sua propagação. Metchnikoff não o affirma de modo peremptorio, mas está inclinado a recochecel-o pelos estudos feitos para a confirmação dos trabalhos allemães.

Trez annos antes, antigos alumnos do Instituto Pasteur, Bordet e Gengou, de Bruxellas, haviam procurado, activamente, o microbio da syphilis e chegaram, com o emprego de colorantes apropriados, a distinguir um bacillo sacca-rolhas muito pallido; mas, renovando as experiencias, não puderam enconral-o, circumstancia que os desanimou.

Schaudin e Hoffmann, seu collaborador, fôram mais felizes: suas experiencias accusam vinte e seis casos especiaes nos quaes verificaram sempre o *spirillus pallido* caracteristico da avaria, cujo microbio é extremamente tenue e difficulta as pesquisas porque muito difficilmente toma a coloração azul empregada nas preparações microscopicas. Aquelles illustres professores se mostram, entretanto, muito reservados sobre a sua descoberta, e, muito escrupulosos de verdade scientifica, submetteram os seus interessan-

tes trabalhos aos homeits competentes da Allemanha e de outros paizes.

Ao enviarem as suas preparações a Metchnikoff e a Roux, elles declararam que tendo conseguido encontrar um microbio, que parece diferente das especies conhecidas, se abstiham de firmar a respeito um juizo definitivo.

Por sua vez, Metchnikoff procurou o *spirillus* de Schaudin nos macacos inoculados do Instituto Pasteur, e o encontrou em quatro dos submittidos ás experiencias. Um delles, em via de cura completa, não tinha o microbio, o que redúz o insuccesso a um só caso, sendo encontrado nos antropoides, como o chipanzê, como nos de especie inferior.

Este resultado confirma, mais uma vez, a identidade da avaria do macaco e do homem.

Metchnikoff prolongou as pesquisas do microbio de Schaudin aos doentes de molestias antigas, nas papulas da pelle, distantes dos orgãos primitivamente atacados e ali, em quatro casos, encontrou o *spirillus pallido*.

São nove as suas observações — quatro em homens e cinco em macacos, dos quaes oito deram resultados positivos.

Não se deve, todavia, esperar estarmos na vespera da preparação do serum curativo da syphilis com o auxilio de culturas microbianas apropriadas, porque até agóra o *spirillus* não foi isolado vivo; mas os estudos de Metchnikoff permittirão instituir um diagnostico novo e certo das affecções syphiliticas, baseado na presença do *spirillus pallido* de Schaudin.

Proseguirão experiencias seriamente fiscalizadas nos institutos sabios; pôde-se entretanto, desde já, affirmar que a sciencia acaba de dar um novo passo e obter mais uma victoria na lucta contra um dos maiores flagellos da humanidade.

A communição de Metchnikoff foi calorosamente applaudida.

* *

Chromotherapia — As pesquisas acerca da acção das côres sobre os corpos e os orgãos — A descoberta do dr. Dreyer.

As côres entraram, ha muito tempo, na ordem dos remedios: temos o tratamento pelos raios Röntgen, pela luz de Finsen, e proseguem as pesquisas acerca da acção das côres sobre os corpos e os orgãos; os raios violeta exercem uma acção calmante sobre o systema nervoso, e os vermelhos são excitantes.

No congresso de Wiesbaden, em abril de 1902, o dr. Bie, estudando a acção physiologica dos raios coloridos, concluiu pela applicação da luz vermelha no tratamento da variola, methodo que os chinezes conheciam. O

dr. Chelinière não foi menos feliz com os raios vermelhos no tratamento da escarlatina, e o dr. Kruchenberg conseguiu curar com elles diversos casos de erysipelas.

Mas nos eczemas, nas molestias microbianas da pelle, no lupus, as numerosas curas de Finsen fôram obtidas com os raios violeta ou ultra violeta. Infelizmente, estes raios, que são os melhores, não téem o poder de penetração dos vermelhos: ficam á flôr da pelle, donde resultam os insuccessos do tratamento das lesões mesmo pouco profundas.

Uma recente descoberta do dr. Dreyer, de Copenhague, parece de muito futuro. Elle teve a idéa de sensibilisar os tecidos como se procede com uma placa photographica. Para tornar sensiveis os tecidos e os microbios, elle inocula na pelle liquidos sensibilisadores como a eosina, a erythrosina, a cyanina. Microbios, varios animalculos vivem muito bem immersos numa solução de erythrosina e morrem em alguns segundos, sob a acção dos raios verdes ou violeta. A lingua de uma rã, a pelle de um coelho manifestam, sob a influencia dos raios não chimicos, as mesmas lezões inflammatorias provocadas pela exposição dos raios violeta.

O dr. Halherstedter confirmou os resultados de Dreyer e ensaiou a photographia, por esse novo methodo, em vinte e cinco casos de lezões tuberculosas profundas da pelle, e affirma ter obtido melhores resultados do que com o processo inicial de Finsen.

As côres pôdem ser empregadas como remedios internos. O azul de methylene é utilizado para apreciar a permeabilidade dos rins, assim como no tratamento das auginas, os males da garganta, como calmante em certas dôres do estomago, fazendo o doente ingerir uma solução colorida que fórma um revestimento protector, uma especie de verniz da mucosa gastrica.

O azul foi empregado nas febres palustres e no tratamento do cancro, que tem sido, ultimamente, objecto de toda a sorte de experiencias.

A chromotherapia, um pouco antiga e muito empirica, estaria olvidada si novas molestias não lhe houvessem renovado os methodos. A molestia do somno, por exemplo, verdadeiro perigo para as colonias africanas, é devida a um microbio que se aloja nas meninges, no liquido que banha o cerebro ou na medula da espinha dorsal: dão-lhe o nome de trypanosoma, especie de vermiculo, muito agil, que passa pelo sangue, percorre o corpo e váe alojár-se no cerebro dos doentes produzindo prolongado somno.

Microbios semelhantes produzem epizootias terriveis nos paizes tropicaes: molestia da mosca tsê-tsê, magana, surra, mal de cadeiras. ~~Esses~~

microbios dizimaram, durante a guerra do Transvaal as mulas inglezas; elles fizeram desapparecer completamente raças de cavallos e bois na ilha Mauricia e, no Brazil, devastam os campos de Matto Grosso e da ilha Marajó, no Pará, onde raros cavallos resistem ao feróz quebra-bunda, nome alli dado ao mal de cadeiras.

Tentou-se o tratamento dessas molestias pelo arsenico, sem resultados perfectos, mas parece que a chromotherapie produzirá bons effeitos. O professor Laveran, em recente communicação á Academia de Sciencias, annunciou os melhores resultados por elle obtidos, sobre macacos, com o emprego do arsenico e do *trypanroth* combinados.

O *trypanroth* é uma côr posta em evidencia pelo professor Ehrlich, de Francfort, côr vermelha que tem a propriedade de matar os microbios no sangue dos animaes doentes, sem os matar; foi especialmente empregada em ratos brancos infectados com trypanosomas.

* *

Entomologia — O instincto dos insectos geologicos — A theoria de Perrier.

Os progressos realizados, recentemente, no estudo do systema nervoso, arrastaram Ed. Perrier a uma nova theoria do instincto, sobre a qual a philosophia poderia recuar em reservas duvidosas, mas deduziria consequencias geologicas muito engenhosas, dignas, por isso, de serem mencionadas.

Tratava-se de explicar, pela experiencia adquirida e pela hereditariedade, como os insectos, cuja vida no estado adulto dura apenas algumas semanas, ou alguns dias, e não conhecem a sua progenitura, téem tempo e possibilidade para formarem os seus maravilhosos instinctos. Parece, evidentemente, que a formação do instincto no individuo é facta espontaneo, porque não póde ser attribuida á educação, nem aos costumes.

Ed. Perrier notou que a existencia das estações, como as conhecemos, parece de origem geologica muito recente. Os geologos são concordes em admittir que a temperatura e o clima começaram, durante longos periodos, sendo absolutamente uniformes em toda a extensão da terra no percurso do anno, — phenomeno que se explica pelas dimensões primitivas muito maiores do nosso Sol, que, condensando-se pouco a pouco, teria determinado a variedade actual das estações.

Desde o periodo primario, quando a condensação do Sol não se tinha ainda realizado, existiam insectos, que eram notavelmente abundantes nas margens dos nossos lagos, nas lagunas carboniferas, e as bellas descobertas de Fayol e Charles Bron-

gniart, em Comentry, lhes demonstraram a variedade e estatura das libellulas gigantescas. Como não havia, então, estações, a causa que prodúz hoje, a morte dos insectos, após a sua reproducção, não existia, de modo que esses insectos carboniferos podiam viver longo tempo como os outros animaes: poderiam, como os animaes superiores, adquirir experiencia e transmitti-la aos seus filhos; teriam uma intelligencia adquirida e cultivada, que se transmittiria pela hereditariedade. Quando as estações começaram, na epocha terciaria, a se destacarem, quando, á superveniencia do frio, a vida dos insectos se reduziu a um breve estadio, ás vezes ephemero, quando a experiencia e a educação paternaes não poderam mais intervir, a intelligencia, adquirida primitivamente e transmittida de geração em geração, se transformou num instincto immutavel, fixando-se em um ponto determinado, não podendo mais progredir, resultando disso que os nossos insectos actuaes reproduzam, indefinidamente, as facultades, o desenvolvimento cerebral dos insectos da epocha secundaria.

JESUITAS..!

Ao sr. Vieira Fazenda, um erudito a quem não falta constancia para levar o publico á leitura das suas excellentes escavações, devemos o curioso *allegado* do padre Bento Pinheiro d'Horta da Silva Cepeda, que em seguida publicamos. O sr. Fazenda informa:

Este voluntario egresso da Companhia de Jesus, foi mais tarde vigario da freguezia de Nossa Senhora do Loreto de Jacarépaguá. Conforme monsenhor Pizarro, padre Cepeda, apresentado em 14 de dezembro de 1764, teve confirmação em 16 de julho do anno seguinte.

« Collegio do Rio.— Neste collegio o padre Antonio Teixeira viveu muitos annos amasiado com uma parda chamada Ignacia, a qual introduzia de noite a correr o collegio; e depois á porta do mesmo reitor Simão Marques commettia o seu peccado. Por uma vez oito dias inteiros a teve no cubiculo e, pouco satisfeito, saía muitas vezes, de noite, a faltar com outras o seu appetite. Chegou a tanto o seu desaforo que acompanhado do padre Tobias e do leigo Torres pintaram a porta do reitor com escremento humano. Este leigo tambem recolhia á sua quasi todas as noites, e como por ser refeiteiro tinha as chaves do refeitorio, para lá a levava. Era creoula fôrra, chamada Barbara e visinha do collegio.

Insignes ladrões havia neste collegio: o padre Miguel Carlos entrou furtivamente no cubiculo do reitor, por uma janella e furtou-lhe quinhentos mil réis. O padre d. Alves roubou, em uma noite ao prefeito da egreja, grossa quantia. Bem sei que fôram despedidos. Mas o que se fez ao padre Luiz de Albuquerque, que, em vinte e quatro annos que foi procurador de causas, tantas terras furtou para a Religião? Era vulgar, entre os mesmos jesuitas, que nunca perdia uma demanda, porque, se via alguma mal parada, furtava os autos custasse o que custasse. Assim o fez com a celebre demanda das *capivaras* do Collegio da Bahia, que estando já concluida contra o collegio, peitou a uma escrava do escrivão e por este meio houve ás mãos os autos e ainda hoje os conserva em seu poder e sem o menor reparo os mostrava. Eu os vi como viram muitos dos egressos, como o padre Estevão de Souza, o padre Pedro Barreiros, etc.

O mesmo fez em uma bem renhida demanda dos religiosos de S. Bento, os quaes se queixaram ao geral da companhia, que mandou restituir os taes papeis furtados. Este mesmo foi com um certo ministro á medição das terras dos Goytacazes e aquelles moradores ainda hoje se queixam delle. Não sei o que por lá fez; só sim que por esta medição deram ao ministro quinze mil cruzados e certamente se não esportulariam desta sorte se o ministro não fizesse a vontade ao dito procurador que o acompanhava. Sei que por lá o quizeram matar a companhia do ministro o livrou.

O padre Silverio Pinheiro tambem foi procurador de causas e fez bellas coisas; porque pedia em confidencia aos escrivães e tabelliães, escripturas, doações e testamentos e os adulterava pondo e tirando folhas, accrescentando e diminuindo o que lhe parecia. Para isto conservava no collegio, refugiado, insigne tratante que fingia peregrinamente qualquer lettra e até as tintas. Mandou fazer muitos marcos e com este mesmo homem os foi furtivamente metter por onde lhe pareceu para ampliar-se as fazendas. Tudo isto contava o mesmo homem que se chamava N. de Almeida e o caixeiro do collegio, que então era Domingos Alvares, de tudo é sabedor.

No Engenho Novo deste collegio fôram superiores os padres João Duarte e Joaquim de Moraes, homens de máu viver e de quem se diz tem filhos nesta fazenda, como testifica o provedor da Fazenda Real Francisco Cordovil de Menezes, que tem a sua fazenda ao pé desse engenho.

No Engenho Velho modernamente foi superior o padre Luiz Cardoso, o homem mais prostituto que jámais se viu. Poucas escravas lhe escapavam e, muitas vezes á força de castigos, sujei-

tava aquellas miseraveis victimas á sua carnalidade e era tão torpe, que as castigava ou mandava castigar á sua vista para as ver descompostas.

A uma mulata chamada Cecilia, depois de a andar solicitando largo tempo, vendo que lhe resistia, em um dia da Conceição a apanhou em casa e depois de grande lucta, vendo que a não podia forçar a seu gosto, saciou o seu appetite como pôde e tão torpe e brutalmente que não cabe na minha penna. O caso foi publico em toda a fazenda não só pelos clamores da mulata, mas porque da sorte que ficou, saú e se foi metter em um rio para se lavar dos immundos vestigios da torpeza. A fazenda toda é testemunha. O proprio marido chamado Lauriano é hoje assistente nesta cidade, official de ferreiro e fôrro. Tambem é bôa testemunha o padre Theodosio Pereira, sacerdote egresso.

A quinta de S. Christovam tem sido uma Sodoma, principalmente nos tempos que leram philosophia os padres Manoel de Araujo, Manoel Cardim e Francisco de Faria, cujos discipulos sem temor de Deus, nem vergonha dos homens, pelas cercas, valados e mattos gastavam o dia todo com os escravos e outras mulheres, que para esse intento faziam ir da cidade: assignalando-se, entre todos, os padres João Velloso, Antonio dos Reis, Manoel Alves, João das Neves, etc. O padre João Caetano agóra de proximo teve um filho nesta fazenda da mulher do mulato Francisco Ferraz, para cuja alforria deixou dinheiro, quando com os demais se embarcavam para Portugal e, se fôrem perguntados, os escravos dirão isto e muito mais.

Na Fazenda de Macahé foi superior o padre José dos Reis de quem se contam coisas horrorosas. Tratou com escandalo com uma mulher branca, sua comadre. Os escravos e escravas que fallavam d'elle eram castigados barbaramente, mandando ir alguns a igreja com freios na bocca e a algumas mandando-lhes esfregar a bocca com pimentas e com o mesmo molho as partes inferiores. Foi visitar esta fazenda o padre Christovam Cordeiro e por empenhos o absolveu de culpas e pena ao tal superior. Mas o seu companheiro José Freire, voluntario egresso da companhia, que se acha em Pernambuco, confessa deste padre ainda peiores coisas e o confirma a visinhança.

Em Campos Novos era superior o padre Manuel de Andrade, o qual, além de outras desenvolturas, tratava mal uma parda mulher do ferreiro N. de Mello; porque solicitada muitas vezes nunca quiz consentir. Não o poderá negar; porque, além da mulata e marido, tem nesta cidade duas testemunhas veridicas; que são o padre Theodosio Pereira e o ferreiro Lau-

riano, de quem a dita parda é maridra.

Na Fazenda dos Goytacazes, ha mais de trinta annos, era superior o padre Miguel Lopes, regulo naquellas partes. A este padre se attribuiu uma morte, como ainda hoje firmemente suppõe aquella Capitania. São conhecidos varios filhos, que teve de uma escrava, com quem viveu amancebado longos annos. Das suas insolencias fará fiel relação aquelle povo, se fôr perguntado.

Da Fazenda de Santa Cruz era tambem superior, ha muitos annos, o padre Pedro Ferraz, homem tão absoluto que, passando pela Fazenda os soldados, que vinham do Registro, depois de os descompôr e ultrajar, lhes mandou violentamente tomar as armas e certamente caíria em maiores destemperos, se o padre Francisco Ferreira não saísse a accommodar tudo. O ferreiro Lauriano, que lá se achava, presenceou tudo, e a Fazenda toda. Foi accusado a Roma, por varias vezes, mas, como dava muito dinheiro, tudo se sanava, até que estando, o anno passado, em sua companhia o padre Francisco Cordeiro e vendo a crueldade com que castigava a um escravo, que se queixou, por lhe ter deflorado e... uma filha. O excesso com que o buscou depois de fugido, chegando a ir em traje secular atrás d'elle com os capitães do matto, deu parte de tudo a Roma e como estava já a Companhia portugueza perturbada e a ponto de estourar, por medo mandou o Geral tirar-o do Superiorado.

Assim se fez nas vespéras do bloqueio deste collegio e estando fazendo entrega da fazenda ao padre Francisco Manuel chegou o ministro a buscalos e tomar conta da fazenda.

Todos os jesuitas sabem que fallo verdade e o mesmo Geral, em cuja mão ha de estar uma carta do padre Francisco Cordeiro, feita poucos mezes antes do bloqueio e remetida por um franciscano, e nella lerá miudamente o que eu refiro só em sustancia e outras muitas coisas, que eu não aponto. Nella lerá as justissimas queixas, que faz aquelle padre de que o padre Francisco de Almeida sendo tantas vezes visitador daquella fazenda, por peitas capeasse tantos escandalos do padre Pedro Ferraz.

Ao pé desta fazenda fica a aldeia de Taguay, onde foi superior o padre Manuel de Araujo, que, sendo velho, era depravadissimo; pois que maltratava aquellas raparigas que se lhe não queriam sujeitar. Diga a Barbara, a quem muitas vezes castigou por esta causa. até que, desesperada, fugiu da aldeia com seus parentes. E' testemunha disto toda a aldeia e seu proprio companheiro o padre Manuel de Oliveira, que tudo presenciou e se acha nesta cidade voluntario egresso. Se-

guiu-se depois d'elle no superiorado o padre José Xavier, monstro de lascivia cujos escandalos, torpezas e desenvoltura com as indias, principalmente com Mameluca Germanesa, são publicos e não ha militar que não saiba por ser esta aldeia o caminho ordinario do destacamento que cada seis mezes vá de esta praça para o Registro.

Na Côrte se acha o padre Gonçalo Alexandrino, que foi seu companheiro nesta aldeia, o qual, condoido do que via, escreveu um papel em que deste superior apontava coisas horrorosas e entregou ao provincial João Honorato. E que caso fez este provincial? Tudo se capeou, tudo se sanou. E o castigo que lhe deu foi mandal-o continuar mais um anno por superior na mesma aldeia e no seguinte mandal-o por visitador a Pernambuco, donde, em outro tempo, tinha sido removido por mil escandalos, e depois fazel-o vice-reitor do collegio e seminario da Parahyba, tudo por duzentos ou trezentos mil réis que deu ao tal provincial, como pôde dizer o padre Gonçalo Alexandrino que é um dos professos que ficaram na Côrte.

Nas aldeias de S. Lourenço, S. Bernabé e Cabo Frio, da mesma sorte procederam sempre quasi todos os superiores e em todas ellas se apontavam filhos, defloramentos, mancebias o que não individualiso por saber só em geral. Da de S. Lourenço sei que modernamente esteve por superior o padre Manoel de Araujo, o qual por puros ciúmes accusou falsamente o seu companheiro o theologo Francisco de Salles, que por isso padeceu muito todo o tempo do provincialato do padre João Honorato.

Da aldeia de S. Bernabé paravam na mão do padre procurador Antonio de Leão, neste collegio do Rio, quatro mil cruzados pertencentes aos indios, os quaes arrecadou o padre João Honorato, provincial, o mais ambicioso que conheci. Não o pôde negar, porque tudo andou em papeis publicos pelos tribunaes, nesta cidade.

Nesta mesma occasião que estes papeis corriam, trataram de se mostrar libertos varios mulatos do collegio, entre os quaes um era o mulatinho Miguel, que tinha no collegio servido de amasio a muitos jesuitas e, como se achava livre d'elles, referia por casa dos ministros incriveis torpezas que com elle obravam os padres; mil brigas, odios, entre uns e outros, por seu respeito. E não é isto coisa nova, porque não só escandalisavam o mundo com estudantinhos, pelos pateos, sachristias, córos, portarias, cubiculos, etc., como tambem causava horror o que faziam com os proprios escravos. Digam-no as porquissimas bulhas do padre Albuquerque, velho de mais de setenta annos, com o padre José Caetano, por causa do mulato

Lourenço ; as do padre José Caetano com o padre João da Rocha ; as do padre Alexandre dos Reis com o padre José de Paiva, aquellas pelo mulato José Ferreira, estas pelo mulato Ferraz, etc.»

VIEIRA FAZENDA.

— — —
O ALMIRANTE (35)

— — —
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — —
CAPITULO XVII

Passada a crise daquelles dois dias, o marquez de Uberaba, com supremo esforço de vontade parecia resignada, como os outros, ao facto consummado, ao desastre da dynastia. Ella se abstinha de emittir opiniões sobre os acontecimentos, mesmo no recesso da intimidade, quando abria o seu maguado coração a Oscar, que ella queria ainda mais, depois de ouvir do conselheiro que elle offerecera a espada ao Imperador e a conselheiro deste se mantivera ao serviço da Republica.

Não se lhe ouvia uma queixa, uma censura contra os homens que tinham agido como instrumentos de forças ineluctaveis, accumuladas num lento processo de fermentação imperceptivel, até desabarem com a impetuosidade de um desbordamento subito sobre o mechanismo do throno, oxidado pela rotina, enfraquecido pela politica de transacções, de contemporisações, de receios, de vacillações, sem plano, sem aspirações definidas, conduzida por homens desapercebidos para a resistencia.

No seu salão, aonde voltaram, depois de alguns dias de expectativa prudente, os seus mais intimos amigos, se expandiam, sem restricções, opiniões de todos os matizes, na maioria favoraveis á revolução, divididas sobre muitos pontos secundarios da nova fórma de governo, todas mais ou menos harmonicas na maneira de julgar o facto, uma consequencia logica da deturpação do regimen monarchico constitucional pela omnipotencia de um só poder, o poder pessoal, concentrando toda a função politica. No terreno opposto estava, quasi isolado, o doutor Souza e Mello, que renegára todo o seu passado de democrata intolerante, para defender o regimen decaído. O seu temperamento, as suas qualidades de coragem, de homem combativo não se amoldavam ás unanimidades: preferira ficar só na arena, como um campeão sem hostes, defrontando o sacrificio de uma resistencia platonica, inutil.

— Eu não reneguei os principios — dizia elle, quando os apartes o exarcebavam — repillo os meios. Não poderei

jámais consolar-me á desgraça de ver a democracia triumphante por um levante de quarteis, de ver a minha Patria á mercê da ignorancia de sargentões, que substituíram os estadistas, os homens de capacidade, naturalmente indicados para a responsabilidade dos altos cargos nesses momentos de transformação social. Os republicanos de legitima procedencia, os historicos ficarão em plano inferior, impotentes para arrancarem a obra da sua propaganda das garras dos gananciosos, dos partidarios da ultima hora, dos transfugas sem convicções, sem amor á causa vencedora. A omnipotencia da espada excluirá a supremacia da opinião nacional e teremos um despotismo violento, peor do que o anterior, molle, pacato, bonancheirão... um despotismo paternal, genuinamente bragantino.

— Perdão, doutor — observou Sergio de Lima, que se tornára assiduo frequentador do palacio Uberaba — ha no governo estadistas eminentes do mais subido valor mental...

— Não digo o contrario; mas esses homens são uns utopistas; nunca fôram governo; fôram deputados, brilhantes parlamentares, idéologos eruditos, que não conhecem o manejo da machina de construir povos, nem empunharam jámais a cana do leme da náu do Estado.

— Nós não dispunhamos de homens de experiencia de governo democratico, nem poderíamos confiar a Republica infante a estadistas da monarchia...

— Em primeiro lugar, meu caro collega, deixe-me dar-lhe os parabens. O senhor já diz nós como se não estivesse ainda cheirando ao regimen que defenderia com o brilho do seu talento juvenil, se o levante dos quarteis o não houvesse privado de uma cadeira na Camara dos deputados. Já adheriu?...

— As minhas idéas — respondeu Sergio de Lima, encandescido pela observação de Souza e Mello — eram democraticas. Fui abolicionista, combatendo ás ordens da marquez de Uberaba, e a Republica foi uma consequencia logica da victoria da emancipação. Eu era, sempre fui republicano; mas, adversario dos meios violentos, me conformava ás circumstancias, na posição de servidor da Patria como magistrado.

— A mesma situação do Dádá — atalhou Dolores, interrompendo o longo relatorio que fazia ás senhoras do que se passava no seio do governo provisorio.

— Desde que — continuou Sergio — a Republica venceu numa victoria incruenta, de accordo com as minhas aspirações, não me achei tolhido por incompatibilidades.

— Diz muito bem, meu caro — vol-

veu o Souza e Mello — nenhum desses que estão correndo em massa, em bandos delirantes de entusiasmo a se prostrarem ante o idolo do dia, sentem a pressão das incompatibilidades, da coherencia. Em segundo lugar, como ia dizendo, eu não poderia exigir que o governo, este tal de governo provisorio, fôsse confiado a monarchistas. Isso seria uma incongruencia. O que eu censuro, aquillo que será sempre objecto de protesto vehemente nos labios dos verdadeiros democratas, é que não se tenha entregado a direcção das coisas publicas aos republicanos naturalmente indicados para isso. O que eu censuro, como uma ameaça á paz publica e ao futuro do Paiz, é o predominio do elemento militar, dos sargentões, influenciados pelos discipulos de Benjamin Constant, arrancados dos bancos da escola para os mais melindrosos cargos, para substituírem os presidentes das provincias. Ora, meus senhores, é preciso convir que isso não recomenda o criterio do governo, nem é de bom agouro para a Republica, entregue á patolêa de rapazes inexperiencedes, exaltados...

— Sim, nesse ponto tem razão.

— E, sobretudo — concluiu o advogado — muito imbuidos, por culpa do Imperador, das idéas de uma philosophia subversiva, os taes discipulos de Benjamin Constant. Isso não é serio...

— Nós devemos ser gratos — observou Sergio — ao governo provisorio, que poderá commetter faltas, muito naturaes nesses momentos de agitação, mas tem manifestado as mais patrioticas intenções...

— Vejo que estará, sem falta, reeleito para a Constituinte...

— E' provavel — affirmou Sergio, com certa firmeza — Os amigos que me elegeram não perderam o prestigio e a influencia. Além disso, devemos ao governo a manutenção da ordem; podemos dormir de portas abertas; desapareceram por encanto, os malfeitores, os gatunos que infestavam a Côrte, quero dizer a Capital Federal...

— Mas ficaram outros...

— Esse cruel espirito de contradicção condúl-o a injustiças flagrantes...

— Injustiças? Pois o senhor, que está na panellinha do governo, não ouviu dizer... que saquearam o palacio da Boa Vista?...

— Isso é de mais...

— Não sei se é de mais ou de menos: o que certo é que se diz, a bocca pequena...

— Acredita o senhor, um espirito lucido e recto, nessas mesquinhas calumnias?....

— Refiro, apenas, o que ouvi de um amigo, um militar muito serio, indignado com certos factos: vergo-

nhosos furtos de livros, de quadros, de coisas preciosas... Sabe que mais, meu caro senhor?... E' melhor não mexermos neste delicado assumpto.

E o advogado, erguendo-se indignado, estendia a mão num gesto ameaçador.

— Isto que ali está não dura um anno. A julgar pelas premissas funestas, iremos ter á anarchia, a um continuo levante de quartéis, á separação das provincias, ao desmantelamento de todo o edificio que, se não é perfeito, foi o melhor que puderam construir os nossos antepassados, com os pessimos elementos ao seu alcance. De coração desejo que as minhas previsões se não realizem; mas não vejo signaes de estabilidade nessa balburdia.

— Tenha fé no futuro — retorquiu-lhe Sergio de Lima — O senhor se impressiona demasiado com os senões, muito naturaes, inevitaveis, no inicio de um regimen politico. A agitação suspende á tona os sedimentos accumulados no fundo. Dahi, esse turvo aspecto, que desaparecerá, quando a situação se normalisar.

— Espere por isso... O lixo ficará na superficie. Aquelles que não têm qualidades de fluctuação, os mediocres, os incapazes se incumbirão de manter, em proveito proprio, as aguas agitadas.

— O senhor é irreductivel.

— Eu vejo nitidamente os factos que a sua phantasia de moço devisa através do prisma doirado das esperanças, das illusões. E, porque vejo claro, não me conformo com a Republica, saída da indisciplina dos quartéis.

— O marechal Deodoro é um patriota, é um homem de bem.

— Não digo menos disso, não contesto as suas qualidades de soldado, as suas virtudes de cidadão; receio, entretanto, e com razão, que elle não possa conter a tremenda onda de ambição, avolumada em torno do governo provisório...

— Nisso tem toda a razão—observou Dolores—O marechal vive assediado por um exercito de pretendentes que o perseguem sem piedade. Imaginem que não pôde ainda collocar dignamente o Dadá, apesar de fazer disso questão pessoal, para dar-me uma prova de gratidão pelos serviços que lhe prestei... Foi commigo que se achou, no momento terrivel... Não estivesse eu junto delle para amparal-o, para tratál-o, teria morrido... O marechal não está satisfeito. Os militares começam a murmurar contra o governo, contra o dr. Benjamin, que tem soffrido as mais cruéis decepções. Dizem até que já se conspira...

— Não é necessario entrar nos bastidores da politica para saber—affirmou Souza e Mello — que as figuras

principaes do levante não estão contentes com a posição que lhes foi dada; julgam-se mercedores dos postos mais eminentes; elles, que blasonam de terem feito a Republica, deveriam ser os primeiros aquinhoados. Como responsáveis pela mudança da fórmula de governo, se acham intitulados a intervir nelle... O patriotismo dessa gente exigirá recompensas, e não hesitará em obtel-as pela espada...

Sergio de Lima deixára o grupo, onde Souza e Mello aggreidia, impiedoso, a Republica, e se approximára, lentamente, das senhoras reunidas, num obscuro recanto do salão, em torno da marquezia, cujos ouvidos aguçados não perdiam uma palavra daquellas objurgatorias candentes do antigo democrata, adversario do Imperador e da monarchia, agóra, adversario da revolução, dos seus próceres. O conselheiro Antonino estava tambem com as senhoras para evitar o vexame de tomar parte na discussão, de emitir a sua opinião valiosa, sempre solicitada naquelles incruentos debates, muito frequentes naquella ródia de amigos. D. Eugenia pensava, como o seu egregio marido, que o momento não era opportuno para a manifestação de convicções politicas. O silencio era o melhor abrigo dos homens prudentes, daquelles que tinham graves responsabilidades no passado e estavam isentos de todos os compromissos da nova situação. Demais, as idéas do conselheiro eram conhecidas; elle previra o desastre com muita antecedencia.

— Que me diz v. ex., perguntou Sergio á marquezia — que me diz do pessimismo daquelle amigo?

— Esta casa — respondeu a marquezia, sorrindo — é um territorio neutro. Eu não devo emittir a minha opinião: o meu medico me impôz absoluta abstenção da politica.

(Continúa).

PAGINAS ESQUECIDAS

O URSO BRANCO

Elle é descomunal, titanico, felpudo; Andá sinistramente a farejar na treva, E causa-nos horror como um gigante mudo.

Vive na escuridão fantastica do Neva, E já ouvi dizer que essa alimaria informe E' tambem como nós filho d'Adão e Eva.

Rasteja pela sombra, e mesmo quando dorme Conserva sempre aberto um olho coruscante, Como um cato real, ensanguentado, enorme.

E' o despota feróz, o cesar triumphante Duma crepuscular, longinqua Babylonia, Que é como um pesadelo, uma visão de Dante.

Nas convulsões febris da bestial insomnia Estorce-se a lamber as garras sensuaes, Ruminando lá dentro o craneo da Polonia.

Anda a espreitar ao longe as torres orientaes, As flexas de Stambul, as morbidas almeias, Com o riso cruel dos lobos imperiaes.

Tira o sangue do povo e manda abrir-lhe as veias, E os duques generaes e os bispos cortesãos Misturam-no com sangue e bebem-no nas ceias.

Satanaz é seu pae e os tigres seus irmãos. Depois de realizar doidas carnificinas, Lava com agua benta as sanguinarias mãos.

Sobre os campos do mal semeia as guilhotinas. Mergulha brutalmente a plebe esfarrapada Na brouzea escuridão das tenebrosas minas.

Por isso, quando váe de frente levantada, Entre o clamor febril da guarda pretoriana, Erguendo para a luz a flamejante espada;

Debaixo de seus pés em confusão insana Sente-se revolver um mar de imprecações, Que abala o fundamento á consciencia humana.

Justiça! váe abrir as furnas dos leões! Desce daquelle inferno ás gelidas entranchas, E arranca-me de lá os tristes corações,

Que sentem sobre si o peso das montanhas... Transforma numa lança os ferros das algemas, Váe aos gelos do norte, ás solidões estranhas,

Procura a féra brava; eia, mulher, não tremas! Embebe-lhe sem dó no muscuroso flanco A lança virginal das coleras supremas.

Monta no teu corcel! Agarra o urso branco, Ensina-lhe a dançar umas grotescas danças, E dá-o de presente a um magro saltimbancó,

Que o mostre numa feira aos risos das crianças.

GUERRA JUNQUEIRO.

**

A DISCIPLINA SOB O IMPERIO

Com teu amo não jogues as pèras, diz um rifão popular. O sr. Carlos Affonso, ministro da Guerra, apesar da nobreza de sua estirpe, ainda ha dois dias commemorada no anniversario do supplicio do Tiradentes, não desdenha estes conselhos, que a velha prudencia dos humildes ensinou aos que precisam de pão para a bocca.

Ainda está na memoria de todos, o caso do coronel Frias Villar. O sr. ministro da Guerra encheu-se todo de disciplina, e levou o escrupulo de rigorosa applicação da lei ao ponto de entrar pelo arbitrario, como quem entra pelo que é seu. Africas eguaes fez s. ex. com alguns outros officiaes, accusados de não dizerem *Dominus*

secum, quando s. ex. espirra. E a disciplina a ser cantada em prosa e verso, e o thesouro nacional a pagar a musica!

Chegou, porém, o dia em que, apesar de todo o arreganho do conde de Lippe de Meia Pataca, foi preciso que s. ex. dissesse a si mesmo: — Meia volta á esquerda! Volver!

E' que o sr. conde d'Eu é marechal do exercito brasileiro pelo acto de bravura que praticou, vindo para o Brazil. Como marechal do exercito, sua alteza real é tão militar como o corneta que conduziu o sr. Enéas ás victorias do Paraná; isto, de direito.

Mas do direito ao facto ha uma distancia que só pôde ser percorrida por um homem, na bôa accepção desta palavra. E o sr. Carlos Affonso acaba de provar que não é homem.

O sr. conde d'Eu considerou-se ha mezes desautorado, como presidente da commissão de melhoramentos do material do exercito, pelo capitão Duarte, membro dessa commissão. Foi ao ministro e pediu a demissão desse official; mas o official não é pagão, e não foi demittido. O sr. conde d'Eu, escamado — se não é irreverente applicar este termo a tão alto personagem — pediu uma licença por trez mezes, para tratar de sua saúde no Congresso de Instrucção. Trez mezes, calculou sua alteza, é o mais que pôde durar este ministro; mas os trez mezes passaram, e o ministro continuou a ser freguez da companhia de carruagens. O dia 10 do mez que corre viu expirar a licença; como militar, *pago* pela Nação para cumprir o seu dever; como marechal, *obrigado*, pelo seu posto, o mais elevado do exercito, a dar o exemplo da disciplina, sua alteza *devia* ter-se apresentado á sua repartição, ou, pelo menos, por attenção ao Paiz, para merecer o respeito que naturalmente quer que se lhe tribute, devia ter pedido renovação da licença.

Sua alteza, porém, além de ser marechal do exercito, é príncipe e é genro de sua magestade o Imperador, e o senhor seu sogro sabe o ministro da guerra que tem. Sua alteza, portanto, deixou-se ficar em casa, de onde sáe para presidir as sessões preparatorias do Congresso de Instrucção, e foi tanto apresentar-se ao sr. ministro como nós, que não somos militares, e

que não receiamos ir passear a Matto-Grosso, porque, *por ora*, ainda não se inaugurou o systema de deportar paizanos; mas, lá chegaremos, se as coisas continuarem assim.

Se tivesse procedido deste modo, qualquer outro membro da commissão de melhoramentos do material do exercito teria sido demittido immediatamente, e com justiça; mas, tratando-se do sr. conde d'Eu, genro do homem que faz ministros, o sr. Carlos Affonso entendeu que era mais prudente não demittir o militar indisciplinado.

E as coisas ficariam assim, se a canalha, que não entende destas coisas, não começasse a rosnar. Mas a canalha rosnou, e o sr. ministro, não podendo consultar a lei, que só aconselha para estes casos umas coisas bôas para a miuçalha, mas impossiveis para os príncipes, consultou-se a si mesmo, e teve uma destas inspirações de genio, que firmam para sempre a capacidade de um homem para ocupar os altos cargos do Estado: — foi á casa do sr. conde d'Eu pedir a sua alteza que requeresse a s. ex. uma prorogação de licença.

Então sua alteza o sr. marechal de exercito, tendo pena do sr. ministro da Guerra, com essa magnanimidade propria do homem que tem atrás de si uma enfiada de avós, que sempre viveram da pratica de virtudes desse quilate, houve por bem fazer esse favor ao sr. Carlos Affonso. E, em data de 17, foi prorogada por um mez a licença que expirára a 10.

O unico resultado pratico que a Nação colhe de tudo isto—é verdade que é unico, mas é bom—é ficarmos sabendo que os dias do sr. Carlos Affonso no ministerio estão contados, e que antes do dia 10, ou, quando muito, antes do dia 17, se os sete dias em que o sr. conde passou sem licença lhe fôrem levados em desconto de seus serviços, teremos o prazer de ver outro ministro da Guerra, o que sempre será uma diversão na fórma, porque, quanto ao fundo, lá está quem os sabe escolher a dedo.

Façamos, porém, justiça plena ao sr. Carlos Affonso. Não se pense que s. ex. engoliu uma pillula deste calibre, e que esta não lhe fez effeito nenhum. S. ex. não pôde subtraír-se de todo ás leis geraes da materia, e, quando é

comprimido por um lado, estufa pelo outro.

E' assim que, engasgado pelo caso do sr. conde d'Eu, e pelas cartas do sr. visconde de Pelotas, s. ex. procurou um derivativo em outros officiaes do exercito que não são genros de monarchas.

Pegou no sr. coronel Cunha Mattos, do estado-maior, e que foi official de gabinete do sr. visconde de Pelotas, e mandou-o commandar um batalhão no Amazonas; um cunhado desse official, o sr. capitão Carlos Soares, que tambem serviu com o sr. visconde de Pelotas no Paraguay, foi tirado do estado-maior para um corpo em Matto-Grosso; um sobrinho do sr. visconde de Pelotas foi retirado da Escola Militar de Porto-Alegre para o seu corpo.

Note-se que, para mandar o sr. capitão Carlos Soares para Matto-Grosso, foi preciso fazer toda essa dansa: um official que estava aqui em um regimento em S. Christovão, foi passado para o estado-maior, para o logar do capitão Soares; para S. Christovão vem um official, que estava no Paraná; para o Paraná váe um official que estava em Matto-Grosso, para se arranjar espaço para mandar para Matto-Grosso o sr. capitão Carlos Soares, accusado de ser amigo do sr. visconde de Pelotas.

E não se pense que estes arreganhos do sr. ministro importam simplesmente incommodo e despezas a esses officiaes; importam tambem despezas consideraveis para os cofres publicos, de onde não pôde sair dinheiro para melhoramentos materiaes, para serviço de hygiene e outros, mas de onde se tira assim ouro ás mãos cheias para satisfazer caprichos.

O capitão Soares é casado e tem filhos; o governo tem de pagar-lhes a passagem daqui a Matto-Grosso; tem de pagar a passagem de Matto-Grosso ao Paraná a outro official; a outro, a passagem do Paraná a esta Côrte; ao sr. coronel Cunha Mattos, que tem familia numerosa, passagem para o Amazonas.

Esta brincadeira custa alguns contos de réis; mas isso pouco importa, comtanto que se applique aos officiaes amigos do sr. visconde de Pelotas a disciplina a que tão sôbranceiramente se subtráe o sr. conde d'Eu.

E' que o sr. Carlos Affonso, em

questões de legalidade e disciplina, tem duas maximas : uma que applica para baixo, e outra que applica para cima. Quando se acha em frente de officiaes que não têm padrinho nas altas regiões, a maxima é — manda quem póde— ; quando se trata do sr. conde d'Eu, genro de s. m. o Imperador, a regra é esta outra — com teu amo não jorges as pêras.

FERREIRA DE ARAUJO.

1883.

APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

NASCIMENTO, (Alexandre Cassiano do) deputado pela terra do churrasco, elevado á preeminencia de guia do seu partido, visto o merito que lhe advem de uma bôa prosa entre goles de café, do seu natural cortex, e de um coração franco, prestativo, incapaz de negar aos amigos o menor obsequio. E os amigos abusam, fazem-no relatar e discursar em questões momentosas, convencem-no de que é orador, obrigam-no com amaveis empurrões a subir á tribuna, a dizer o que sabe e o que não sabe, elevam-no ao papel brilhante ou ridiculo, conforme a pessoa, de *leader*, e o sr. Cassiano a tudo se presta, jovial, bôa alma, cheio de concessões, pois que os amigos, os amigos a quem tudo deve, assim exigem. Obedece, zeloso, ao aceno de todos os seus bons camaradas do Rio, ou de Porto Alegre, ou de Pelotas, ignorando completamente o alcance da sua acção em politica, para a qual entrou, não sabe como, e na qual se conserva, sem saber o que faz, — e o povo perdôa-lhe : elle é tão simples, tão bonacheirão, tão feliz !! Si um dia os bons amigos, num momento de *humour*, se lembrarem do seu nome para presidente da Republica, o sr. Nascimento, talvez preferindo ás agruras desse cargo que lhe dá vertigens, uma partidinha de xadrez no seu club, em Pelotas, se sacrificará, risinho, e acceitará, resignado, o LOGAR, que é para sempre do sr. Rodrigues Alves, desde a phrase nocturna de 14 de novembro.

**

BITTENCOURT, (Edmundo) jornalista singular na imprensa brazileira, o mais temido, o mais odiado, e o que mais se approxima da Verdade, nas suas fallas ao Povo, de quem é o confiante rispido e bem amado. O incisivo Paul Adam dar-lhe-ia o epitheto com que definiu Rochefort, chamar-lhe-ia o AMANTE DA MULTIDÃO. Cruel amante este, cujas caricias se traduzem em

apostrophes eloquentes e indignadas, e não perdôa á creatura que ama o abandonar-se, complacente e cobarde, nos braços dos Prepotentes. O sr. Bittencourt improvisou-se homem de imprensa, da noite para o dia, num momento em que lhe pareceu a Fortuna mais propicia aos audazes, e revelou-se, rapidamente, um dos primeiros na eloquencia e o primeiro na bravura. As campanhas em que fez as suas primeiras armas ainda estão na memoria de todos, e nunca deixará alguém de admirar a audacia inventiva do homem que um dia exhibiu a essa rua do Ouvidor, eternamente avida de escandalo, aquellas celebres visceras em decomposição, certamente mais impressionadoras que os artigos entrelinhados do *Correio da Manhã*. E' um grande jornalista, sem ser um talento notavel, e a sua folha, um *Mikasa* victorioso e invulneravel, parece impossivel de ser mettida a pique, nem mesmo torpedada pelo Odio e Inveja, boiantes em torno.

PEDRO INNOCENCIO.

DIVERSÕES

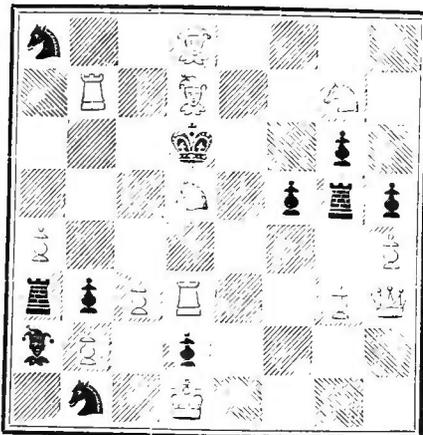
XADREZ

Historico (cont.) — No seculo 6º da era christã, o xadrez soffreu algumas modificações : foi supprimido o dado ; os alliados se reuniram de um lado só do taboleiro, um dos reis decafu para a situação de *vizir* (actualmente a *dama*) : o *elephante*, (*torre* hoje), mudou-se para o canto, e o *navio* (*bispo*), para o logar que ainda occupa ; finalmente o *vizir*, novamente creado, só dava um passo em diagonal. Esta fórma do xadrez perdurou até o seculo XVI, quando novas alterações, que ainda hoje se conservam, vieram trazer-lhe a sua fórma definitiva, de uma harmonia tão perfeita : o augmento de poder do *bispo*, que se move em toda a extensão das diagonaes ; a reunião, na *dama*, dos movimentos do *bispo* e da *torre* ; a faculdade conferida aos piões de avançar duas casas no 1º passo ; e o *roque*.

PROBLEMA Nº 5

Cardoso Braga

PRETAS (11)



BRANCAS (13)

Mate em dois lances

PARTIDA Nº 5

GAMBITO EVANS

Brancas	Pretas
(Morphy)	(Löwenthal)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B R 4 B — 3 —	B R 4 B
P 4 C D — 4 —	B X P
P 3 B D — 5 —	B 4 B
Roque — 6 —	P 3 D
P 4 D — 7 —	P X P
P X P — 8 —	B 3 C
P 5 D — 9 —	C + R (a)
C X C — 10 —	P X C
B 2 C — 11 —	D 2 R
B 5 C (x) — 12 —	B 2 D
B X B (x) — 13 —	R X B
D 4 C (x) — 14 —	P 4 B R
D X P (x) — 15 —	R 1 R
B X P (b) — 16 —	C 3 T
D 4 B — 17 —	R 2 D
C 2 D — 18 —	T D 1 R
C 4 B — 19 —	B 4 B
T D 1 D — 20 —	B 3 D
B X B — 21 —	P X B
T 1 C D — 22 —	P 3 C D
T R 1 B D (c) — 23 —	D 3 B
D 3 R — 24 —	C 5 C
C X P (x)! — 25 —	P X C
T 7 B (x)!! — 26 —	R 1 D (d)
D X P — 27 —	D X P (x)
D X D — 28 —	C X D
T 7 T! — 29 —	C 6 T (x)
P X C — 30 —	R 1 B
R 2 B — 31 —	abandona

(a) Seria preferivel C 2 R ; o pião da Dama está perdido.

(b) Já a superioridade das brancas é manifesta.

(c) Ameaçando mate em trez lances : 24 — T X P C, P X T ; 25 — C X P (x), R move, 26 — T mate.

(d) Se R X T, as Brancas dão mate em trez lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 4: 1 — C 5 R X P, R X P (a, b, c) ; 2 — C (6 D) 4 B D, R move-se ; 3 — D 6 D ou D 2 C D mate ; (a) 1... P 5 B ; 2 — C 5 C D, *ad libitum* ; 3 — D 6 D mate ; (b) 1... P X P ; 2 — C 7 C D, *ad libitum* ; 3 — D 6 D mate ; (c) 1... R 3 R ; 2 — C 8 B D, *ad libitum* ; 3 D 6 D mate.

JOSÉ GETULIO.

A festa ao jornalista Henrique Chaves, promovida pela imprensa carioca, segundo a iniciativa do escriptor Olavo Bilac, do commandante José Carlos e do caricaturista Angelo Agostini, realisa-se depois de amanhã.

O *Jornal*, de 13, conta que o director da *Gazeta* «aqui chegou em outubro de 1869, vindo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, onde principiára a vida jornalística com mestres do jornalismo portuguez. No Rio de Janeiro achou campo para sua actividade e pratica para as lições que recebera.

Foi redactor do *Diario de Noticias*, a primeira folha fluminense de venda avulsa de preço infimo, imitação do de Lisboa e seguimento da evolução provocada na imprensa pariziense por Emilio de Girardin.

O grande exito popular do *Diario de Noticias* foi prenuncio do da *Gazeta de Noticias*, fundada depois do desaparecimento d'aquelle, annos depois, e de que Henrique Chaves foi um dos fundadores. Collaborou eile no *Mosquito*, berço da *Gazeta de Noticias*, com Ferreira de Araujo, Manoel Carneiro e Angelo Agostini.

Dos creadores da *Gazeta*, muitos a morte levou e outros mudaram de profissão ; Henrique Chaves é o unico que tem nessa redacção a sua meza de trabalho.

SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO

MUDANÇA DE BASE

3.º processo

25—Consiste este processo em, dado o numero N no systema de base b , multiplicar pela respectiva potencia da base o algarismo de cada ordem, effectuando as operações na base b' ; para a qual se quer mudar o numero, e sommar depois estes diversos productos.

26—E' claro que o numero vem assim representado na base b' porque, effectuando-se as operações nesta base, o agrupamento das unidades para a formação das unidades superiores se faz segundo o systema que rege a nova base.

27—A fórmula é immediata :

$$N = b^m a + b^{m-1} a + b^{m-2} a + \dots + b^2 a + b a + a$$

Desde que as operações aqui indicadas, de potenciação, de multiplicação e de addição, sejam effectuadas na base b' equivale isso a constituir o numero nesta nova base, formando com b' unidades de uma ordem uma unidade de ordem immediatamente superior.

28—EXEMPLO. Seja o mesmo exemplo tomado nos dois primeiros processos :

$$\begin{matrix} \text{(seis)} & 2 & \text{(cinco)} \\ 423 = 6 \times 4 + 6 \times 2 + 3 \end{matrix}$$

Ora, o signal 6 não é conhecido na base quinararia, onde só se encontram os algarismos 0, 1, 2, 3, 4. Representemos, pois, o valor seis, como elle deve ser representado na nova base, isto é, seis = 11.

Teremos :

$$\begin{aligned} \text{(seis)} & 2 & \text{(cinco)} \\ 423 = 11 \times 4 + 11 \times 2 + 3 \\ & = 121 \times 4 + 11 \times 2 + 3 = \\ & = 1034 + 22 + 3 \end{aligned}$$

Ou, finalmente :

$$\begin{matrix} \text{(seis)} & \text{(cinco)} \\ 423 = 1114 \end{matrix}$$

29 — NOTA. Este processo usa-se particularmente, quando se quer mudar para o systema de base decimal um numero representado em outro qualquer systema, pela consideração de serem effectuados os calculos no systema usual. Exemplo. Seja o numero 1430, escripto na base oito, que se quer mudar para a base decimal :

$$\begin{matrix} \text{(oito)} & \text{(dez)} \\ 1430 = 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0 = \\ & = 512 + 256 + 24 \end{matrix}$$

$$\text{ou seja : } \begin{matrix} \text{(oito)} & \text{(dez)} \\ 1430 = 792 \end{matrix}$$

30 — Na pratica pôde-se dispôr assim o calculo :

$$\begin{aligned} 1000 &= 1 \times 8^3 = 512 \\ 400 &= 4 \times 8^2 = 256 \\ 30 &= 3 \times 8 = 24 \\ 0 &= 0 = 0 \\ & \quad \quad \quad \underline{\quad} \\ & \quad \quad \quad 792 \end{aligned}$$

31 — Ha uma outra maneira de empregar este mesmo processo : multiplica-se o algarismo da mais alta ordem pela base do numero, somma-se a este producto o valor absoluto do algarismo seguinte ; multiplica-se este resultado novamente pela base e ao producto somma-se o valor absoluto do algarismo immediato ; e assim por diante até se ter considerado o ultimo algarismo. E as operações serão effectuadas na nova base.

32 — Eis a fórmula, tomando-se para maior clareza um numero limitado $a a^I a^{II} a^{III} a^{IV} a^V$:

$$N = [(((a \times b + a^I) b + a^{II}) b + a^{III}) b + a^{IV}] b + a^V$$

Desenvolvendo-se esta fórmula, chega-se á do processo precedente.

$$\begin{aligned} & [(((a \times b + a^I) b + a^{II}) b + a^{III}) b + a^{IV}] b + a^V = \\ & = [([ab^2 + a^I b + a^{II}] b + a^{III}) b + a^{IV}] b + a^V = \\ & = [(ab^3 + a^I b^2 + a^{II} b + a^{III}) b + a^{IV}] b + a^V = \\ & = [ab^4 + a^I b^3 + a^{II} b^2 + a^{III} b + a^{IV}] b + a^V = \\ & = ab^5 + a^I b^4 + a^{II} b^3 + a^{III} b^2 + a^{IV} b + a^V \end{aligned}$$

De facto, no processo anterior multiplica-se o algarismo de ordem superior pela potencia respectiva da base, o immediato pela potencia respectiva, e assim por diante ; depois sommam-se os diversos resultados.

Aqui as multiplicações se fazem parcellada e repetidamente pela simples base, mas de tal forma que na ultima o algarismo da mais alta ordem vem igualmente multiplicado pela potencia respectiva da base, bem como os demais algarismos das ordens subsequentes.

33 — EXEMPLO. Mudar 423 da base seis para a base cinco.

423	(seis)	
× 11		423 = (4 × 11 + 2) 11 + 3 =
44		
+ 2		= 4 × 11 ² + 2 × 11 + 3 =
101		
× 11		= 1034 + 22 + 3 =
101		
101	(cinco)	
1111		= 1114
+ 3		
1114		

34 — Esta nova maneira emprega-se tambem, assim como se dá no processo anterior, na mudança de um numero de um systema de base qualquer para a base decimal, pela razão já indicada.

35 — NOTAS GERAES — a) Os dous primeiros processos differem no modo de determinar os algarismos das ordens na nova base e semelham-se no modo de chegar a este resultado, que é o mesmo de divisões successivas. Ainda differem quanto á natureza dos termos da divisão que indicam estes algarismos : no primeiro são os quocientes ; no segundo são os restos, que constituem os valores das ordens, aquelles tomados na ordem directa, estes na ordem inversa.

b) Ha um caso particular da mudança de um numero, de uma base qualquer para outra base qualquer, com operações todas effectuadas na base decimal. Consiste na combinação dos processos 2.º e 3.º.

Dado o numero 423, (base seis) para mudal-o para a base cinco, faz-se ao mesmo tempo a conversão para a base decimal e desta para a quinararia.

(seis)			
423	5	51	5
25	0(1)	10	5
13	(4)	5	(1)
(4)		(1)	(1)

Tomam-se os dois primeiros algarismos á esquerda, e o numero formado por elles divide-se por 5; antes, porém, muda-se pelo 3.º processo este numero (42) para a base decimal (4 × 6 + 2 = 26).

A divisão de 26 por 5 (base decimal) dá 5 para quociente e 1 para resto. A este resto junta-se o algarismo seguinte 3. Muda-se 13 para a base decimal, o que pro-

duz 9. O quociente de 9 por 5 é 1 e o resto 4. E assim por diante.

Desta fórma, ao mesmo tempo que se váe convertendo o numero dado, da base em que se acha para a base decimal, por meio das multiplicações do 3.º processo, o mesmo se váe fazendo da base decimal para a nova base, pelas divisões successivas do 2.º processo.

c) Quem quizer effectuar todas as operações na base decimal ainda poderá mudar o numero da base em que está para a decimal pelo 3.º processo ou a sua variante e depois para a nova base pelos processos 1.º ou 2.º (methodo indirecto).

d) Damos, como exercicio, um numero representado em base superior á decimal, que se queira representar em outra base, tambem superior á decimal. E resolvamos o problema pelos trez processos e pela variante do terceiro.

Seja 75a02 o numero escripto na base onze (a = dez). Vamos passal-o para a base doze.

1.º — Procuremos as potencias de doze contidas no numero dado. As operações, como se sabe, são feitas na base onze e, nesta base, doze representa-se por 11.

Assim

$$\text{doze} = 11; \text{doze}^2 = 11^2 = 121; \text{doze}^3 = 11^3 = 1331$$

$$\text{doze}^4 = 11^4 = 14641$$

Esta ultima é a maior potencia de doze contida em 75a02.

Dividamos, pois, 75a02 por 14641 :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 75a02 \quad | \quad 14641 \\ 70995 \quad | \quad 5 \\ \hline 5018 \end{array}$$

Está determinado o algarismo da mais alta ordem — 5. Dividamos, agóra, 5018 por 1331, terceira potencia de doze:

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 5018 \quad | \quad 1331 \\ 3993 \quad | \quad 3 \\ \hline 1135 \end{array}$$

O algarismo da ordem immediata é 3. Continuemos do mesmo modo :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 1135 \quad | \quad 121 \\ 109a \quad | \quad a \\ \hline 46 \\ 46 \quad | \quad 11 \\ 44 \quad | \quad 4 \\ \hline 2 \end{array}$$

E o numero na base doze é 53a42.

2.º — Dividamos o numero dado por doze, depois o quociente da divisão ainda por doze, o novo quociente ainda por doze, até chegarmos a um quociente inferior a doze. Este quociente representará o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base e os restos das divisões, em ordem inversa áquella em que fôram encontrados, os algarismos das ordens subseqüentes.

Eis o quadro das operações (calculos na base onze) :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 75a02 \quad | \quad 11 \\ 66 \quad | \quad 6a00 \quad | \quad 11 \\ \hline aa \quad 66 \quad | \quad 637 \quad | \quad 11 \\ aa \quad 40 \quad | \quad 55 \quad | \quad 58 \quad | \quad 11 \\ \hline 02 \quad 33 \quad | \quad 97 \quad | \quad 55 \quad | \quad 5 \\ \hline 80 \quad 88 \quad | \quad 3 \\ \hline 77 \quad a \end{array}$$

4

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \quad \text{(doze)} \\ 75a02 = 53a42 \end{array}$$

3.º — Decomponhamos o numero dado em parcelas, cada uma dellas producto do algarismo da ordem pela potencia respectiva da base em que elle se acha escripto, e effectuemos os calculos indicados na base para a qual queremos mudar o numero (a = dez ; b = onze) :

$$\begin{aligned} \text{(onze)} \\ 75a02 &= 7 \times b^4 + 5 \times b^3 + a \times b^2 + 0 \times b + 2 = \\ &= 7 \times 8581 + 5 \times 92b + a \times a1 + 0 \times b \times 2 = \\ &= 4b387 + 3a27 + 84a + 2 = 53a42 \end{aligned}$$

(doze)

— Ou então : multipliquemos o algarismo da mais alta ordem do numero dado pela propria base e juntemos ao producto o valor absoluto do algarismo seguinte; multipliquemos esta somma novamente pela base e juntemos ao producto o valor absoluto do algarismo seguinte; e assim por deante, até termos considerado o ultimo algarismo do numero, sendo todas as operações effectuadas na base para que tem de passar o numero (*doze*) :

$$\begin{array}{r} 75a02 \\ b \\ \hline 65 \\ 5 \\ \hline 6a \\ b \\ \hline 632 \\ a \\ \hline 640 \\ b \\ \hline 5980 \\ 0 \\ \hline 5980 \\ b \\ \hline 53a40 \\ 2 \\ \hline 53a42 \end{array}$$

(onze) (doze)
75a02 = 53a42

Para terminar damos 14 exercicios de mudança de base, com as respectivas soluções :

- | | |
|--|--|
| <p>1) $302 = 1101110$ <i>(seis) (dois)</i></p> <p>2) $210121 = 1462$ <i>(trez) (sete)</i></p> <p>3) $321203 = 3683$ <i>(quatro) (dez)</i></p> <p>4) $9256 = 22050$ <i>(dez) (oito)</i></p> <p>5) $13682 = 244213$ <i>(nove) (cinco)</i></p> <p>6) $101010 = 46$ <i>(dois) (nove)</i></p> <p>7) $25a63 = 13c2a$ <i>(onze) (treze)</i></p> | <p>8) $8d7a5 = 147459$ <i>(quatorze) (doze)</i></p> <p>9) $293d4 = 101302$ <i>(quatorze) (dez)</i></p> <p>10) $38953 = b3a3$ <i>(dez) (quinze)</i></p> <p>11) $26503 = 4144$ <i>(sete) (doze)</i></p> <p>12) $2765 = 1825$ <i>(onze) (treze)</i></p> <p>13) $1220120 = 831$ <i>(trez) (treze)</i></p> <p>14) $abcd = 111010001010001$ <i>(quatorze) (dois)</i></p> |
|--|--|

As letras a, b, c, d representam os valores dez, onze, doze e treze.

(Conclusão)

FROTA PESSÔA.